

REVELAÇÃO

O CASO FILHAS DA LUZ



CARLO RIBAS

REVELAÇÃO

CARLO RIBAS

REVELAÇÃO

O CASO FILHAS DA LUZ





MINISTÉRIO CARLO RIBAS
www.carloribas.com.br
facebook.com/carloribas

Esta é um obra de ficção. Nomes, locais, situações ou datas foram criados para ilustrar a história, não representando alguém. Qualquer semelhança é apenas uma mera coincidência.

Ribas, Carlo
Revelação - O Caso Filhas da Luz
2ª Edição - Paraná - Brasil
Carlo Ribas Ministries - 120p

1. Vida Cristã - Romance - 2. Batalha Espiritual - 1. Título

Copyright © 2015 - Carlo Ribas Ministries

CATEGORIA:

Batalha Espiritual - Romance Policial - Vida Cristã

DIAGRAMAÇÃO e EDITORAÇÃO:

Ministério Carlo Ribas

CAPA:

VSA Produções / Vinicius Siqueira de Almeida

AUTOR:

Carlo Ribas

REVISÃO DE TEXTO:

Karlla Simone Antunes Pereira de Sousa

SEGUNDA EDIÇÃO:

Setembro de 2015

Todos os direitos são reservados.

É proibida a cópia ou reprodução parcial deste livro sem autorização do autor ou do Carlo Ribas Ministries, exceto por citações breves em críticas, revistas ou artigos.

*A ardente expectativa da criação
aguarda a revelação dos filhos de Deus
Paulo de Tarso, Apóstolo*

*Até onde vai a revelação de Deus em nossas vidas?
Qual o limiar entre o sonho e a realidade?*

*Luiz,
estou orando pela sua conversão.*

AGRADECIMENTO

Carlo Ribas

Em primeiro lugar, ao meu Senhor Jesus Cristo, que tão amavelmente revelou a mim Sua Glória e me entregou a salvação.

À minha amada esposa Francine, fã e defensora número um deste livro, que o leu por sobre meus ombros, em noites inspiradas nas quais meus dedos se misturavam as teclas do computador, digitando na velocidade do pensamento.

Aos meus filhos Thalles e Matheus, por revelarem em seus olhares o brilho da graça do Senhor.

Ao rebanho que o Senhor entregou a mim, como pastor e guardião da Palavra.

Aos pastores de todo o Brasil e exterior que tem me confiado seus púlpitos para humildemente ministrar a Santa Palavra de Deus, apoiando assim meu ministério.

PREFÁCIO

Francine Ribas

Este livro realmente mudou a minha vida. Como mãe, mulher e esposa, abriu a minha visão para coisas que outrora não dava a merecida importância e relevância. Através da escrita emocionante e envolvente que meu marido desenvolveu neste trabalho, pude ter momentos extremos de emoções alternadas em função das páginas em que eu lia. Hora chorava como mãe, ao ver crianças morrerem; hora sorria como esposa, pelas vitórias de um marido herói.

Atentei para a real necessidade de uma cobertura espiritual mais efetiva através da oração intercessória por nossos filhos, esposos, igrejas e pessoas que nos cercam, pois a fragilidade de nossos olhos físicos nos impedem de ver o invisível que está por trás de simples ações sociais, objetos, festas e outros, aparentemente inocentes e inofensivos.

Outro detalhe que fez me apaixonar por esta obra é a sua veracidade e extrema realidade de fatos, mesclada ao contexto fictício e romântico. Robert se apresenta muito prático em resolver todas as circunstâncias e muito sensível à voz de Deus. Isto nos serve de aprendizado para nossos dias, visto a necessidade de estarmos atentos aos chamados e direcionamentos do Senhor.

Tenho certeza que o título deste livro fará parte da sua vida, trazendo grandes revelações contidas em si mesmo.

Apreciem a leitura, debaixo do Amor do Nosso Deus.

Em Cristo

INTRODUÇÃO

Esta é uma obra de ficção com base em muitos fatos reais, os quais venho enfrentando no decorrer dos anos em que tenho atuado como ministro de libertação.

A história de Robert, um detetive particular especializado em destruir seitas de magia negra, nos diz muito, em relação ao que Deus quer de nossas vidas. Como o Senhor fala conosco? Quais os sinais da Sua Presença? Até onde Deus permite que o diabo toque na vida de uma pessoa?

Questões como estas e muitas outras são respondidas nesta emocionante história de um homem que entregou o seu caminho ao Senhor e confiou Nele...

...o mais, Deus tratou de fazer.

CAPÍTULO UM

Juan Pablo Albuquerque

Um barulho estridente ecoou por todo o apartamento. Robert olhou para o relógio e o marcador mudara para 23:59h.

- Meu Deus, quem será a uma hora dessas?

Olhou para a esposa, que estava envolta em um sono tão profundo, a ponto de não acordar com a segunda vez que o interfone tocou, só que desta vez, mais longa e insistentemente. Ele vestiu seus chinelos e saiu rapidamente para a sala, tentando evitar uma terceira rajada daquele som tão estridente que o interfone lançava e que parecia aumentar o volume, a cada toque.

- Pois não? Perguntou à pessoa que estava chamando.

- É aqui que mora o Sr. Robert, detetive particular? Indagou uma voz ofegante e levemente estrangeira.

- Quem quer saber? Retrucou desconfiado o detetive.

- Eu me chamo Juan e preciso muito da sua ajuda. Viajei até aqui para vê-lo.

Meio sonolento ainda, pensou um pouco e decidiu deixá-lo subir, certificando-se do caráter de urgência daquela visita.

Neste ínterim, foi até seu quarto e avisou Suzan sobre o que estava acontecendo. Ela levantou-se, vestiu uma roupa e foi preparar um café, pois já sabia que a madrugada seria muito longa. Seu marido amava o trabalho e inúmeras vezes ficava noites inteiras acordado, totalmente envolvido em seu ofício.

Juan Pablo era um jovem senhor, de aproximadamente 37 anos de idade. A fisionomia entregava sua descendência argentina e suas belas roupas denunciavam uma boa posição financeira. Com um sorriso tímido cumprimentou o casal e entrou no apartamento. Robert o direcionou até o seu escritório, para que pudessem conversar melhor, e para que ele soubesse os aspectos daquela inusitada e notívaga visita. Após sorver um gole quente do café trazido por Suzan, Juan começou a contar a sua história:

- Sou de uma família muito abastada, da província de Mendoza, na Argentina. Meus pais sempre fizeram questão de bancar meus estudos para que eu me formasse um advogado, como meu pai era. Estudei na melhor universidade de Buenos Aires, onde fiz especialização, mestrado e doutorado. Tive uma vida muito tranquila e promissora. Então, certo dia, em uma de minhas viagens à capital, conheci uma jovem chamada Louise. Ela era a mulher mais linda que eu havia visto em toda a minha vida. Conversamos no avião por muito tempo, contando nossas vidas mutuamente. Descobri que ela era de uma tradicional família britânica, que há muito tempo haviam saído da Europa e se instalado na Argentina, com o objetivo de estabelecer os

negócios da família naquele país. Eu não conseguia parar de olhar para aqueles olhos negros e profundos. Fiquei imediatamente apaixonado por ela. Ao descermos no aeroporto de Buenos Aires, nos despedimos; mas tive a certeza de que a veria de novo. Estranhamente, durante a tarde nos encontramos no centro da cidade. Ela sorrindo me disse "Será que o destino está cruzando nossos caminhos?". Convidei-a para jantar, o que prontamente ela aceitou. Levei-a ao restaurante mais caro da cidade e tivemos uma noite maravilhosa. Declarei a ela a estranha paixão que havia se apoderado de mim e ela simplesmente sorriu, dizendo "Faço isso com todos os homens". Passado três meses, estávamos casados.

Robert ouvia tudo atentamente, anotando algumas coisas em uma caderneta que tinha sobre a mesa. Juan continuou:

- Após alguns anos de casamento, passei a perceber algumas atitudes estranhas da minha esposa. Todas as sextas-feiras ela usava peças íntimas da cor branca, e uma blusinha branca por baixo das outras roupas. No começo achei que pudesse ser apenas uma coincidência ou algum fetiche, mas um dia fiz um teste: escondi todas as suas peças íntimas dessa cor e as blusinhas que ela usava. Louise ficou desesperada, quando, na quinta-feira à noite não as achou entre suas roupas. Perguntei-lhe se algo havia acontecido, esperando uma resposta sobre as peças íntimas, para que eu pudesse lhe revelar a minha brincadeira. Mas ela disse que não havia acontecido nada, e que precisava sair. Pegou o seu carro e saiu. Foi até a casa de uma amiga. E ao retornar, estava usando calcinha e sutiã da cor branca, e uma blusinha branca por baixo da roupa. Porque aquela obsessão? Outro fato: constantemente a família dela se encontrava para reuniões familiares, onde ninguém poderia

estar junto. Mesmo eu, sendo o marido, jamais pude participar de uma dessas reuniões de negócios da família. Passei a pensar seriamente que ela estava me traindo com outra pessoa, e que o fato das peças íntimas associado às reuniões de familiares pudessem ser a prova cabal dessa traição.

- Entendo, você achava que o amante exigia que ela se vestisse com roupas íntimas brancas e que as reuniões de família na verdade seriam um álibi para ela se encontrar com ele. Conjecturou o detetive.

- Sim! Comecei a ficar mais alerta em relação a tudo o que estava acontecendo dentro da minha casa, até que um dia, ao tentar arrumar a porta da garagem, encontrei no porão uma caixa contendo algumas velas vermelhas, laranjadas, marrons e pretas, um punhal, cristais, ossos de algum animal, essências e fotos minhas. Perguntei a Louise o que era aquilo e ela me disse que havia descoberto que uma ex-empregada nossa estava tentando fazer bruxaria para mim, e a demitiu imediatamente. Falou que tinha guardado ali aquelas coisas para me mostrar, mas com a minha correria diária, não teve tempo. De fato eu nunca mais havia visto aquela senhora lá em casa, mas como muitas pessoas começavam a trabalhar e eram demitidas em poucos meses, eu não havia me preocupado com isso. No entanto, ter encontrado aquelas coisas ali, dentro da minha casa, me fizeram tomar uma atitude: contratar um detetive particular. Eu já estava certo de que Louise estava me traindo com outra pessoa e que havia buscado na bruxaria um meio para se livrar de mim. Após um mês, o detetive que eu havia contratado descobriu que Louise andava envolvida com alguma coisa sim, mas que não era com outro homem. Para meu espanto e testificação de muitos fatos que havia acontecido há muito

tempo, ele disse que ela estava envolvida com uma seita de satanistas que faziam rituais constantemente. Ele descobriu também que, naquela sexta-feira eles participariam de um grande ritual, chamado Festa Mágica da Lua, e que ela iria participar e prontificou-se em segui-la e fotografar tudo. Mesmo temeroso, consenti, pois precisava de provas sobre aquela história. Eu não entendia o motivo que levava minha esposa a se envolver com aquilo, afinal, ela sempre fora tão religiosa. Chegada a sexta-feira, estranhamente Louise me disse que teriam outra reunião de negócios, com sua família, e que ela dormiria na casa de seus pais. Eu imediatamente liguei os fatos, e como o meu detetive estava acompanhando o caso, consenti sem problemas. No sábado o detetive não entrou em contato comigo. Passou o domingo e tentei ligar para o seu celular, mas estava fora de área. Na segunda-feira fui trabalhar, ansioso para ver o que o detetive traria. Como todos os dias faço, sentei à minha mesa para ler os jornais, porém uma foto na primeira página me deixou sem fala: o detetive fora encontrado morto, crucificado, com o corpo dilacerado e com três letras rasgadas no seu peito: J — P — A. Eu ainda me recompunha do susto que havia tomado ao ver a foto dele morto, quando o telefone tocou e uma voz misteriosa do outro lado me disse: "Você está lendo o jornal? Sabe o que significam as três letras marcadas no peito dele? Juan Pablo Albuquerque. Você será o próximo, porque as descobriu e agora elas vão te perseguir até conseguirem te matar também, em um ritual de magia negra". Eu perguntei quem estava falando, mas não houve resposta. As últimas palavras ditas foram "cuidado com as Filhas da Luz". Desesperado, sem saber o que fazer, resolvi procurar ajuda. Então um amigo meu me informou sobre você, que é especialista em destruir seitas de magia negra. Preciso da sua ajuda, você precisa me salvar!

Juan chorava convulsivamente, enquanto entregava a Robert o jornal com a foto do detetive morto. Robert examinou com atenção aquele pedaço de jornal, com a mesma empolgação de uma criança quando ganha um presente de natal. E disse-lhe para manter a calma, pois iria ajudá-lo. O argentino com os olhos mareados fitou-o profundamente e balbuciou um “Deus lhe pague, amigo”.

Enquanto Juan foi ao banheiro, Robert aproveitou para relaxar um pouco: enclinou a cabeça para trás apoiando-se na cadeira e pediu forças ao Senhor.

- Deus, o que eu faço agora? Suspirou.

De repente, uma visão lhe veio à mente: vinte e uma mulheres, vestidas com mantos negros rodeavam uma grande fogueira. Ao lado da fogueira estava uma cruz, com um homem nu preso a ela, o qual só conseguia ver o corpo. Logo abaixo estava uma grande mesa de pedra e uma criança sobre ela. As vinte e uma mulheres cantavam uníssonas uma canção em língua incompreensível, repetidas vezes, sem parar. Em um instante, todas elas se calaram e o círculo formado se abriu. Ele viu um homem surgindo da escuridão noturna, vestido com um manto branco, passando pelo meio do círculo feito pelas mulheres, chegando diante da criança e rasgando-a ao meio com um punhal.

- Detetive... Falou Juan Pablo, colocando a mão em seu ombro, fazendo-o dar um salto da cadeira e cair em pé.

- Tudo bem? Pegou no sono? Insistiu o argentino.

- É, acho que peguei no sono, sim. Respondeu-lhe o detetive, com o coração quase saltando pela boca, com o susto que acabara de tomar.

- Decidi te ajudar. Vamos fazer o seguinte, você dorme aqui hoje. Amanhã resolverei algumas coisas pessoais e planejaremos nossa viagem até a sua cidade. Lá, vou investigar o caso. Falaremos para sua mulher que sou um advogado que está te ajudando em alguma coisa. E ela não desconfiará de nada.

Aliviado, Juan Pablo Albuquerque novamente o agradeceu, desta vez sorrindo.

Suzan prontamente arrumou o quarto de visitas para o hóspede daquela noite. Já passavam das duas horas da manhã e todos estavam muito cansados. A única que dormia tranquilamente, alheia a tudo, era a pequena Sara, a filha do casal.

O sono estava pesado demais para se descansar. As cobertas pareciam pesar uma tonelada e Robert suava frio. O silêncio absoluto da madrugada foi quebrado por um barulho de patas de algum tipo de animal andando pelo chão do seu apartamento. O detetive se levantou e abriu lentamente a porta de seu quarto, e viu o corpo de um enorme cachorro entrando no quarto em que Juan estava dormindo. De repente um grito de terror veio daquele aposento. Robert correu imediatamente para lá e encontrou o animal monstruoso e demoníaco sobre o corpo sem vida de Juan, mordendo-lhe a garganta e despedaçando-lhe o pescoço.

- Não! Gritou assustado o detetive acordando do pesadelo que havia tido, quando ouviu Juan gritando do quarto de visitas. O detetive correu para lá e viu o argentino se debatendo por entre as cobertas enquanto dormia.

- Juan! Juan... Acorde, é apenas um pesadelo! Dizia Robert, sacudindo-o e finalmente conseguindo acordá-lo.

- Meu Deus, Robert. Sonhei que um cachorro enorme entrava aqui e pulava em cima de mim, atacando-me o pescoço. Disse Juan, revelando que ambos haviam tido o mesmo sonho.

- Eu também tive este mesmo sonho: que um cachorro diabólico entrava aqui e atacava você. Isto é um reflexo do mundo espiritual e um sinal de que elas, as Filhas da Luz, já começaram a enviar os ataques. Advertiu Robert.

- Normalmente quando querem atacar ou retalhar alguém, essas classes de satanistas enviam demônios que possuem animais, transformando-os em lobisomens. São cachorros possessos que matam pessoas sem piedade. Fomos avisados do perigo que enfrentaremos, Juan. Concluiu o detetive, despedindo-se e voltando para o seu quarto.

CAPÍTULO DOIS

O Início

Como quase todas as crianças daquela pacata cidade, Robert cresceu em um lar cristão, participando ativamente das reuniões que havia na igreja local. As coisas que eram aprendidas ali, no convívio com a Palavra de Deus, o transportavam para o mundo das batalhas bíblicas, fazendo-o sonhar em ser um grande herói. Seus pais eram fervorosos adoradores do Senhor e grandes estudiosos da Palavra. Por várias vezes seu pai era convidado para ministrar em congressos, seminários e reuniões, dado seu profundo conhecimento dos mistérios revelados na Bíblia Sagrada. Sua mãe era uma alegre e perseverante mulher de oração. Buscava ao Senhor nas madrugadas, e em meio a lágrimas clamava o Seu Santo Nome. Piedosa e amável, era admirada e respeitada por todos.

Os tempos foram se passando e uma distância foi se criando entre ele e a Palavra de Deus: Universidade, novos amigos, namorada. Robert aos poucos ia se esquecendo do que Deus colocara em seu coração, do chamado que tinha para a obra. Um grande chamado, que o fizera perder o sono várias vezes, quando o Espírito Santo o visitava de noite, para lhe dizer o que deveria fazer: “Dispõe-te, porque eu sou contigo e tenho te preparado para uma grande batalha”. Robert não queria assumir algo agora, estava muito ocupado. Talvez Deus pudesse esperar mais um pouco.

Alguns anos depois ele se casou com uma bonita moça de sua cidade, que também frequentava a igreja, chamada Suzan. O Espírito Santo constantemente o lembrava do seu chamado, mas Robert o recusava. Sempre dizia ao Senhor que não podia, pois tinha uma família para cuidar. Logo veio a primeira filha, Sara, e as coisas mudaram em sua vida. Precisava trabalhar muito para sustentá-las.

Robert havia se formado em psicologia e atendia aos seus pacientes em um consultório próximo do seu apartamento. Fez especialização em aconselhamento cristão e psicologia criminal. Devido a sua paixão pelos filmes policiais e pelas batalhas bíblicas que ainda vinham a sua mente, estudou para ser detetive particular. Atuava nas duas áreas, buscando assim uma renda maior para a sua família. No entanto, não conseguia perceber que tudo isso era o plano de Deus para sua vida e ministério, o qual, ainda estava para se cumprir.

Um dia, quando estava em sua casa, preocupado com os seus afazeres, recebeu um telefonema:

- É o senhor Robert?

- Sim. Foi a sua resposta.

- Seus pais sofreram um acidente de carro e estão sendo encaminhados para o hospital municipal.

Desesperado, ele saiu correndo para o carro, deixando ao telefone a pessoa que havia lhe dado a notícia. No caminho para

o hospital, várias coisas começaram a passar por sua cabeça. Entre elas, a mais importante: “Deus começou a pesar a sua mão”. Há quanto tempo ele estava recusando o chamado do Senhor. Imediatamente começaram-lhe a correr as lágrimas pelo rosto e ele, após muito tempo, fez uma oração.

Ao chegar na sala da emergência, já era tarde demais. Seus pais haviam falecido. Primeiro o silêncio, depois a dor. Algo tomou conta do seu coração que não podia explicar, um sentimento totalmente novo estava se tornando incontrolável naquele momento. Chorar não era o bastante, não adiantava, pois não fazia aquela dor passar. Em sua mente vinham apenas pensamentos desconexos. Robert abraçou os corpos inerte de seus pais e finalmente chorou copiosamente sobre eles. Ali ele descobriu o que era e como se chamava aquela dor: remorso. Ele sabia que seus pais oravam pela sua vida, pelo seu chamado, pelo seu ministério, e ele sempre recusando, irreduzível, à voz do Senhor. Naquele exato momento, sobre os corpos de seus pais, Robert fez um pacto com Deus, uma aliança, prometendo tomar a sua cruz e segui-Lo. Os dias poderiam se passar, mas ele jamais deixaria de lutar com todas as suas forças contra as hostes infernais.

O tempo passou. Sua filha Sara já tinha oito anos de idade. Robert era agora um respeitado detetive particular. Abandonou a carreira de psicólogo e dedicou-se a desvendar casos de raptos de crianças, por seitas que as utilizavam em rituais de magia negra. Seu currículo era invejável, com trabalhos prestados para o governo, entidades não-governamentais e para famílias que haviam tido suas crianças raptadas. Já conseguira tirar centenas

de pessoas de dentro de seitas satânicas, as quais faziam verdadeiras lavagens cerebrais em suas vítimas, para levá-las a fazerem o que elas queriam. Muitas foram as crianças salvas de serem mortas em rituais macabros de adoração a demônios, ou de terem seus órgãos retirados e vendidos no mercado negro a outros países.

Por tratar-se de um ministério muito perigoso, Robert tinha uma comunhão muito íntima com o Senhor. Passava horas em oração e dias em jejum. Sua vida passou a ser pautada na Bíblia. Deus falava com ele de uma maneira especial, com palavras, e sinais. Sua oração intercessória era de grande autoridade, pois curava e libertava pessoas das garras do inimigo. Ele havia se tornado realmente um cristão verdadeiro, cheio do poder de Deus. Sua esposa Suzan tornou-se uma grande intercessora, auxiliando-o em orações e súplicas. Suas vidas foram transformadas pelo Poder restaurador do Senhor dos exércitos.

CAPÍTULO TRÊS

Argentina

O carro de Juan era bem confortável, o que ocasionaria uma viagem bastante tranquila. Saíram da casa de Robert de madrugada, quando o sol ainda não tinha saído. Tudo indicava que seria um lindo dia, a julgar pelos tons rosas no céu, que apareciam à medida em que iam avançando pelo território argentino, anunciando um belíssimo dia de sol. Robert morava na fronteira entre o Brasil e a Argentina, o que tornava mais fácil o acesso até Mendoza, perto da Cordilheira dos Andes.

Após umas quatro horas de viagem, o argentino perguntou a Robert:

- Vamos parar para um café?

- Seria ótimo. Estou faminto! Concordou o brasileiro, arrancando um enorme sorriso de Juan.

Ao avistarem um posto de combustível, desceram à lanchonete para fazer um lanche. Juan foi até um telefone público ligar para a esposa, avisando-a de sua chegada com o amigo.

Durante a parada, ambos conversaram sobre muitas coisas, inclusive sobre suas vidas particulares. Robert explicou como era seu trabalho, que envolvia muito mais do que sua

percepção profissional: movia também o mundo espiritual. Também combinaram em como iriam agir, para que a esposa de Juan Pablo não desconfiasse de nada. Robert refletia em como seria difícil este caso, julgando se tratar de uma irmandade altamente demoníaca e perigosa. Porém, estava confiante no seu bom 'faro' para as coisas.

Comeram rapidamente, pois ainda tinham muitas horas de estrada pela frente e queriam chegar logo até Mendoza, capital da província que levava o mesmo nome.

Durante o restante da viagem, Robert aproveitou para tirar um cochilo, pois estava bastante cansado por ter que organizar, em apenas um dia, tudo para a viagem e deixar as coisas certas em casa, no Brasil. Juan era mais acostumado a viajar dirigindo, por isso não sentia tanto o cansaço.

Mendoza era uma cidade muito grande, moderna, com o frenético vai e vem de carros que as metrópoles estão acostumadas a ver. Juan morava em uma confortável casa de dois andares, num bairro de classe média alta, na periferia da cidade. Ao entrar na casa, Robert sentiu uma forte opressão maligna naquele lugar que de fato o incomodou.

- Está tudo bem, Robert? Perguntou Juan, percebendo o leve mal-estar do detetive.

- Não foi nada. Apenas caiu a minha pressão, logo estarei melhor. Respondeu tentando disfarçar que seu coração estava disparado, pois sabia que sua vinda até ali era plano de Deus e

poderia mudar toda sua vida.

Ao abrir a porta, o argentino se encontrou com sua esposa Louise, que o abraçou carinhosamente.

- Meu amor! Porque demorou tanto? Já estava ficando preocupada. Disse Louise, com seu ar britânico.

- Ah, este deve ser o advogado seu amigo, de quem você me falou, não é mesmo?

- Muito prazer, meu nome é Robert. Apresentou-se o detetive, impressionado com a beleza escultural da esposa de Juan.

Louise era uma mulher morena, porém com a pele clara, longos cabelos negros e um rosto delicado, mas ao mesmo tempo bem marcado. Longas e bem cuidadas unhas vermelhas finalizavam a aparência de ricaça chique que ela tinha. Todos entraram para o interior da casa, onde Juan pôde mostrar a Robert o quarto que seria seu aposento durante os dias em que permanecesse na cidade.

Após estar devidamente acomodado, Robert retirou-se para o seu quarto, ajoelhou-se ao lado da cama e orou ao Senhor, pedindo direcionamento. Passou um longo período na presença de Deus, em íntima e profunda comunhão espiritual. Ele sabia da necessidade dessa comunhão, pois desconhecía o perigo que encontraria pela frente e isso poderia ser fatal. Após a oração, pegou sua Bíblia e a abriu no Salmo 11:6, que dizia “Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice”.

- Difícil... Fala de perversos, brasas de fogo... Parte do cálice. O que o Senhor está querendo me dizer com isso? Será que eu enfrentarei mais pessoas do que imagino? Indagou ele, falando com Deus. Imediatamente lembrou a visão que teve em seu apartamento, no dia em que Juan havia chegado: as mulheres vestidas de preto, a criança sobre o altar...

- Fará chover sobre os perversos, brasas de fogo e enxofre. Será que é isso que quer dizer? Sussurrou ele, enquanto guardava a Bíblia em sua mala.

- Robert... o almoço está servido lá embaixo. Estamos te esperando. Era a voz de Juan, anunciando a refeição.

A viagem da sua casa até ali durara mais de dez horas, fazendo-os chegar atrasados para o almoço, mas como Juan havia ligado, Louise fez questão de esperá-los. A diferença de fuso horário ajudou um pouco, pois caso contrário chegariam mais tarde ainda. O detetive desceu rapidamente, pois estava faminto. A mesa era farta e bem posta. Louise gostava de tudo nos devidos lugares. Talheres muito bem polidos, pratos milimetricamente colocados, copos limpíssimos.

Louise interrogou Robert, durante a refeição toda, perguntando sobre sua família, sua cidade, sua profissão. Juan tentava ajudar, traduzindo o que ela dizia e, nos momentos de aperto nas respostas, ele mesmo respondia pelo brasileiro, evitando que se colocasse em uma enrascada. Também conversaram sobre as diferenças idiomáticas que os dois países apresentavam:

- Talher, para vocês significa o que? Perguntou estarrecido o brasileiro.

- "Taller" para nós é oficina mecânica. Respondeu Juan.
- E a palavra "oficina", para nós, significa escritório.
Completou rindo.

- E como se diz talher aqui? Insistia Robert na sua aula prática de espanhol.

- Garfo é "tenedor", e faca é "cutillo". Ensinou o argentino.
- Muitas palavras que para nós tem um sentido, mas no Brasil são totalmente diferentes!

- Espero aprender uma porção delas aqui. Arrematou Robert, enquanto saboreava o delicioso almoço preparado pela cozinheira de Louise.

Era quinta-feira, e os dois foram ao escritório de Juan após o almoço. Apesar do cansaço físico devido à viagem, Robert queria ir até onde o detetive que havia sido contratado para iniciar o caso trabalhava, o qual tinha sido assassinado pela irmandade.

Sabia-se que, costumeiramente, nas sextas-feiras as Filhas da Luz se reuniam para realizarem seus rituais macabros, de adoração aos demônios. Elas acreditavam que fazendo isso, adquiririam poder, riquezas e status na sociedade. Os integrantes dessa tradição macabra eram pessoas de boa posição social, que frequentavam as altas rodas da sociedade mendocina e possuíam cargos expressivos no governo, hospitais, empresas e comércio local. Inclusive na polícia existiam membros dessa terrível irmandade.

Robert, aproveitando estar no escritório de Juan, analisou os jornais que publicaram notícias sobre Miguel, o detetive morto:

“MACABRO! Um homem foi encontrado pela polícia local morto e crucificado, com seu corpo retalhado e três letras gravadas, a cortes, no peito: JPA. A polícia ainda não tem pistas de quem possa ter cometido tal crime, porém há rumores que possa ter sido uma seita de magia negra, que atua na região, raptando pessoas. Autoridades civis e religiosas estão chocados com os requintes de crueldade evidenciados neste assassinato”.

Robert lia atentamente cada manchete, prestando bastante atenção aos fatos como, por exemplo, as marcas de cordas deixadas nos braços do homem morto, que se podia perceber na foto explicitamente estampada na primeira página de um jornal sensacionalista.

- Ele foi espancado primeiro, depois morto e, por último, crucificado! Declarou o detetive.

Juan ficou espantado com a rápida e conclusiva dedução do brasileiro.

- Como sabe? Perguntou.

- Elementar, meu caro Juan. Respondeu no melhor estilo Sherlock Homes.

- Aqui no braço dele, dá pra ver umas marcas arroxeadas deixadas pelas cordas, provavelmente usadas para amarrá-lo, deixando-o sem reação. Usa-se este artifício quando se tortura uma pessoa, de forma que não possa defender-se. O fato dele ter

sido morto primeiro e depois crucificado dá-se às marcas de sangue dos cortes e nas perfurações dos braços. Nos cortes do peito, onde obviamente sairia um maior volume de sangue, não vemos muito sangue escorrido, o que nos leva a deduzir que ele foi morto primeiro, talvez por espancamento ou pela profundidade dos cortes e depois, deitado no chão, quando o sangue já havia esfriado e estava iniciando o estágio de coagulação, escreveram as letras no peito, que são as que menos tem sangue escorrido. E por último o crucificaram, onde não vemos mais nenhum sangue saindo de seus braços, onde os pregos foram cravados.

O argentino estava estarecido com a dedução do detive.

- Meu Deus, onde você aprendeu isso? Perguntou boquiaberto.

- Se quiser, podemos ir depois ao necrotério para saber se já saiu o resultado da autópsia, então veremos se você realmente acertou em suas conclusões.

Como já estava no horário, saíram para ir até o escritório de Miguel, a fim de encontrar provas que pudessem esclarecer alguma coisa. O lugar era em um antigo prédio na periferia da cidade, onde as casas e edifícios lembravam bastante os guetos norte-americanos. Nas calçadas o lixo e os cachorros disputavam lugar com os pedestres, refletindo a pobreza do lugar. Robert se deteve a olhar para uma das dezenas de janelas que havia naquele prédio escuro. Nela havia várias flores e uma cortina colorida e limpa. De repente uma senhora saiu à janela e o viu olhando para lá. Ela sorriu amorosamente para ele e fechou a janela. Aquilo era realmente um sinal de Deus! Ele sabia que aquela mulher lhe ajudaria a descobrir algo.

- O escritório do Miguel é no terceiro andar! Disse com toda certeza.

- Como sabe? Perguntou atônito Juan. Robert apenas sorriu e apressou-se em subir os degraus que os levariam até lá.

- Como soube que era no terceiro andar? Perguntava ainda o argentino, intrigado com a capacidade de Robert 'adivinhar' as coisas, enquanto ele rompia o lacre que a polícia havia posto na porta para isolar o local e entrava sorrateiramente no escritório de Miguel, exatamente no terceiro andar daquele prédio.

- Sinais, Juan. Aprenda a reconhecer os sinais. Discursou profeticamente Robert.

O escritório era pequeno, desorganizado e tinha um cheiro fortíssimo de alguma coisa podre. Vasculhou em cima da mesa em busca de papéis, anotações, uma agenda, qualquer coisa que pudesse trazer algo sobre o caso e ajudasse a esclarecer a morte dele. Robert encontrou em meio a algumas anotações sobre outros casos, uma fotografia, antiga, de Miguel ao lado de uma mulher. “Deve ser a sua esposa”, pensou o detetive. Ao procurar no lixo, encontrou um rolo de filme fotográfico, usado em máquinas manuais antigas, o que imediatamente guardou em seu bolso, sem mostrar ao argentino. Juan veio e mostrou a Robert um papel que encontrou no arquivo: era uma lista de horários das saídas de Louise, os dias assinalados em vermelho eram exatamente nas sextas-feiras, à noite. Atrás havia um pequeno mapa, desenhado a mão, possivelmente do local aonde Louise ia para se encontrar com as outras mulheres da Irmandade.

Aquilo já era o suficiente, então resolveram ir embora para não deixar vestígios. Ao sair do escritório, Robert encontrou a senhora que havia visto na janela do prédio.

- Buenas tardes, señor. Cumprimentou-o educadamente, dona Castorina.

- Olá! Respondeu Robert.

- A senhora conhecia o homem que morava e trabalhava aqui? Miguel era o seu nome. Perguntou ele.

- Sim, o conhecia muito. Respondeu prontamente ela, com um olhar de tristeza para a porta do apartamento de Miguel.

- Um bom homem, honesto, trabalhador. Muito amigo do meu falecido marido, que Deus o tenha. Vocês aceitam uma xícara de chá? Poderemos conversar um momentinho. Convidou, o que foi aceito prontamente.

Entraram em seu apartamento, onde morava ela, um gato siamês chamado Geeno, alguns pássaros e muitas, muitas plantas.

- A senhora mora aqui sozinha? Quis logo saber Juan.

- Sim, meu filho. Meu marido faleceu há cinco anos, mais ou menos na época em que a esposa do Miguel o deixou. Desde então moramos apenas Geeno e eu. Ah, claro, e juntamente os meus pássaros que nos fazem companhia.

Castorina era uma anciã de oitenta e dois anos, que fazia questão de ficar em seu apartamento onde, segundo ela, morava

a mais de cinquenta anos. Seu marido havia trabalhado em uma companhia de energia elétrica por longos anos. Após aposentar-se, passou a consertar instalações elétricas em casas, fazendo pequenos serviços. Miguel havia sido muito amigo do marido de dona Castorina e tinha frequentado o apartamento deles durante muitos anos.

- O que a senhora sabe sobre o assassinato de Miguel?
Indagou Robert.

- Ah, meu filho. Não sabemos nada não. O que eu vi foi uns homens entrando aí e mexendo em tudo. Tiraram algumas caixas cheias de coisas daí de dentro.

Robert espantou-se, pois ninguém poderia ter feito aquilo, sendo que aquele era um local isolado pela polícia.

- A senhora tem certeza? Aquele é um local isolado para investigações, e somente a polícia poderia ter tirado alguma coisa dali de dentro. A senhora viu quem eram as pessoas?

- Sim, eu vi. Um deles era o tenente Días. Eu o vi no noticiário da TV, mas aqui ele não estava com aquela farda bonita.

Juan chamou Robert em um canto e disse a ele:

- Não liga pra essa velha, ela é maluca. Como ela conheceria alguém com essa idade? Vamos embora daqui.

Robert bebeu o último gole do delicioso chá de figos que Dona Castorina havia oferecido, agradeceu e saíram.

Juan podia achar que não, mas o detetive tinha certeza que Dona Castorina teria muitas coisas para lhe esclarecer. Ela era um propósito de Deus naquele caso, ele podia sentir. Daria um jeito e voltaria ali, sem que o argentino soubesse. Agora precisava revelar o filme que havia pego do escritório de Miguel, para ver se descobria mais alguma coisa, mas sem Juan saber.

CAPÍTULO QUATRO

Notícias

“Mais um caso de rapto de crianças aconteceu nas imediações de Mendoza. Desta vez, um menino de 3 anos de idade desapareceu do pátio de sua casa, enquanto brincava. Familiares e moradores do bairro não tem pista alguma de quem possa ter raptado a criança, que por se tratar de uma família humilde, não se acredita na hipótese de sequestro. Há duas semanas, outra criança misteriosamente desapareceu do hospital municipal, quando uma mulher, dizendo-se enfermeira, levou uma menina recém-nascida das mãos da própria mãe. As autoridades locais estão sem pistas sobre os desaparecimentos, que vêm se intensificando desde o início do ano. Acredita-se que essas crianças estejam sendo roubadas para a venda de órgãos, no mercado negro, para a Europa. Esse tipo de atividade criminosa já é o terceiro negócio ilegal mais rentável no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas - ONU, só perdendo para o tráfico de drogas e de armas. O tráfico de seres humanos movimenta mais de 4 bilhões de dólares em todo o mundo, chegando uma pessoa a valer US\$ 30 mil no mercado negro. Acredita-se então que muitas dessas crianças, quando não são mortas, são vendidas vivas para o exterior, conseguindo assim altas quantias para a quadrilha. A polícia já está no encalço desses criminosos, mas não revela nenhuma pista, para não atrapalhar as investigações. Enquanto houver notícias, nós estaremos aqui. Aníbal Perez, para o Canal Cinco”.

Juan desligou a TV.

- Será que isso é coisa da Irmandade? Perguntou ele para Robert.

- Tenho certeza. Respondeu.

- As Filhas da Luz são extremamente perigosas, porque agem diretamente na magia negra. Não são como outras seitas que servem a Satanás, sem saberem, sendo iludidos. Elas sabem que estão adorando a demônios e seus rituais e oferendas são especificamente para obterem favores dos tais. Sacrificam crianças recém-nascidas para obterem legiões de demônios que darão a elas poderes incríveis. Explicava Robert.

- Quando, por exemplo, elas comem o coração de uma criança, recebem demônios específicos para a área da saúde, onde poderão curar ou matar alguém. Quando elas comem parte do cérebro de uma criança em um ritual de magia negra, recebem demônios com poderes para persuadir, enlouquecer e destruir uma pessoa, instantaneamente.

- Nossa! De onde você sabe tudo isso? Indagou Juan assustado.

- Tenho combatido muitas seitas de magia negra, principalmente as que fazem sacrifícios humanos. Estudo seus comportamentos, para saber onde encontrá-las. Concluiu o detetive.

Robert queria ir até a polícia local, para saber notícias do

caso. Juan o levou até a central de polícia, onde falaram com o oficial do dia, porém ao perguntarem sobre os casos de desaparecimento de crianças, o oficial foi bastante hostil dizendo que eram informações confidenciais e não podiam ser abertas às pessoas, principalmente a um estrangeiro.

Robert então resolveu ir ao jornal da cidade, para saber o que mais eles sabiam. Outra vez foram recebidos rispidamente e nenhuma de suas dúvidas foi sanada. Havia algo naquela cidade que intrigava o detetive. As pessoas se recusavam falar do assunto, mesmo que isso fosse necessário para o desvendar do caso. Uma opressão muito forte pairava sobre Mendoza e isso afetava diretamente as pessoas.

Resolveram ir ao necrotério para que pudessem saber o resultado da autópsia do corpo de Miguel. Juan se apresentou como sendo o advogado da família dele e que precisava saber os resultados.

- A causa mortis foi falência múltipla dos órgãos, devido o forte trauma sofrido por golpes desferidos na região traseira do crânio e em boa parte do corpo. Ele teve as suas mãos e pés amarrados, provavelmente porque foi preso a algum objeto de tortura. Sua morte se deu aproximadamente uma hora antes da crucificação, devido ao coagulamento do sangue nas periferias epiteliais estar em estado avançado. Explicou o médico legista a Juan, que virou-se para Robert e disse:

- Resumindo tudo, você acertou em cheio na sua análise dedutiva!

Após voltarem ao centro da cidade, Robert disse a Juan que

procuraria uma igreja para ir orar um pouco. Combinaram que ele iria para a casa do argentino de táxi.

Juan mal saiu do local onde estavam e Robert imediatamente dirigiu-se para o bairro onde Dona Castorina morava. Ele queria saber mais algumas coisas dela. No caminho deixou o rolo de filme fotográfico que havia achado no escritório de Miguel para revelar.

Chegando ao bairro, parou em frente ao prédio. A janela do apartamento de Dona Castorina não estava mais como no outro dia, muito pelo contrário, estava exatamente igual às demais. Robert correu para a entrada do prédio, subiu rapidamente as escadas e, ao chegar ao terceiro andar, se deparou com a porta do apartamento dela, que antes era pintada e florida, mas agora estava escura como todas as demais. Bateu à porta várias vezes, contudo, ninguém atendeu. Bateu novamente, mas não houve resposta. Quando preparava-se para bater pela terceira vez, apareceu uma moradora do prédio dizendo:

- Não mora ninguém aí não, moço!

- Tem certeza? Não mora aqui uma senhora chamada Castorina? Ela mora aqui há mais de cinquenta anos!

- Não senhor, este apartamento está vazio faz alguns anos, e nunca morou ninguém com esse nome aqui. Eu moro aqui há muito tempo e conheço todas as pessoas que moram neste prédio e neste bairro, mas não conheço ninguém com este nome. Respondeu categoricamente a moradora.

Robert achou aquilo muito estranho. Agradeceu e saiu do

prédio. Foi desnortado pela rua, sem saber o que estava acontecendo. Olhando mais à frente, viu uma placa colocada em frente a um pequeno salão, onde lia-se: “Jeová Shammah - O Senhor está ali”.

- Uma Igreja! Disse aliviado, dirigindo-se imediatamente para lá.

Era um pequeno salão, com poucas cadeiras e um altar construído de madeira, com uma cortina branca atrás. Dentro estavam algumas pessoas orando, ajoelhadas, clamando ao Senhor. Robert ajoelhou-se também e começou a orar. Pedia a Deus força, sabedoria e proteção para resolver aquele caso. Pediu também que o Senhor lhe explicasse o mistério de Dona Castorina, que simplesmente tinha desaparecido.

De repente, alguém tocou em seu ombro.

- Hola!

Robert levantou os olhos para ver quem era.

- Dona Castorina??!! Quase gritou, admirado.

- Você estava me procurando, então vim te ver. Respondeu ela.

- Ah, essa igreja abençoada!! Gosto muito daqui, sabe?! Sempre que posso venho aos cultos. Contou a anciã, que usava uma linda túnica branca.

Robert teve certeza que ela era um anjo que o Senhor havia mandado, mas não quis lhe perguntar, não queria perder a

chance de esclarecer algumas coisas.

- Dona Castorina, me fale sobre o assassinato do Miguel. A senhora sabe se tem ligação com essa seita satânica que existe na região?

Ela balançou afirmativamente a cabeça, enquanto se acomodava lentamente em uma cadeira ao lado do detetive.

- Ah... Aquela seita! Esses filhos de Belial tem incomodado muito esta cidade. Têm destruído igrejas e famílias. Se eu pudesse, teria eu mesma acabado com eles, mas o Senhor quer que você faça o trabalho, pois necessita operar na lei dos homens.

Robert entendeu o que ela quis dizer. Deus necessitava que os homens lutassem contra as hostes do inferno, para que vencessem. Por um instante, pensativo e distante, o brasileiro colocou suas mãos no rosto e resmungou um “Meu Deus...” que ecoou na pequena igreja.

- Mas, me diga uma coisa... Pensou em perguntar algo a ela, quando percebeu que já não havia mais ninguém ao seu lado. Dona Castorina, um anjo do Senhor, havia ido embora.

O detetive ficou mais alguns minutos ali, sentado na igreja, olhando para a parede e tentando ordenar os seus pensamentos. Por que Deus lhe queria ali? Por que Deus enviou um anjo em forma de uma senhora de oitenta e poucos anos? Os minutos passaram e Robert manteve seu coração tranquilo e controlado, enquanto ouvia o sussurro das orações dos irmãos que ainda estavam ali ajoelhados.

Depois de um tempo, Robert retomou a investigação e saiu apressado, pois queria ir até a loja na qual deixara o rolo de filme para revelar. Foi a pé, pois dariam apenas uns dez ou doze quarteirões e ele precisava refletir um pouco e tomar um ar. Durante o trajeto, ia revendo as imagens que ainda estavam fixas em sua mente: o sorriso da anciã, o sonho com o lobisomem, a visão da criança sendo sacrificada... Esse jogo tinha muitas peças e estava sendo difícil encaixá-las. Após uma boa caminhada, chegou até a loja em que havia deixado o filme para revelação.

Já com as fotos em mãos, Robert sentou-se em uma praça para observá-las. Havia cerca de vinte fotos, todas elas de cenas diferentes. Umhas fotos de um homem com uma mulher, em um restaurante, possivelmente algum caso de adultério. Outras de fachadas de prédios e empresas. Mas existiam algumas fotos interessantes, onde apareciam Juan e Louise, dentro do carro, caminhando pela cidade e dentro de um shopping. Nitidamente fotos flagradas, sem que eles percebessem. Miguel estava trabalhando bem no caso, seguindo Louise no dia a dia, para saber se havia alguma ligação com outras pessoas...

- Claro! Deu um grito.

- Ligação com outras pessoas! Com o tenente Dias, da polícia. Por isso eles não dão nenhuma informação sobre o caso, e por isso eles foram ao apartamento de Miguel e fizeram um 'pente fino' lá. Bradou Robert, feliz porque estava conseguindo ordenar seus pensamentos.

Fez sinal a um táxi e voltou para a casa de Juan, certo de que estava tomando o caminho correto para desvendar o caso.

CAPÍTULO CINCO

Sonhos

- Amor, nós sentimos a sua falta! Quando você vem?
Perguntava Suzan ao marido Robert, pelo telefone.

- Eu sei, meu anjo, mas a coisa aqui é séria, mais séria do que eu pensava. Agora consegui algumas informações importantes e vou investigar. Fique tranquila e ore por mim, ok?
-- Como está Sara?

- Ok, mas... Está tudo bem? Você sabe que fico preocupada!

- Preocupação é normal, minha vida. Mas pense em quão bom é o Senhor e na Sua misericórdia sobre nós. Além disso, Juan está me pagando muito bem e isso servirá para dar um conforto maior a nossa filha.

- Eu entendo e confio em você, Rob. Disse amorosamente Suzan.

- Mas temo por sua vida. Eles são perigosos?

- Acredito que não. Respondeu ele.

- O que pude descobrir até agora indica que façam apenas rituais menores. A morte do detetive contratado por Juan foi um aviso, pois se sentiram ameaçados. Não vou aparecer. Estou invisível neste caso. Você ficará bem? Promete?

- Estamos bem... volta logo! Te amo. Despediu-se a esposa.

Robert e Suzan tinham uma relação de respeito e amor mútuos. Ela entendia que a profissão do marido era muito mais que uma profissão, era um chamado de Deus. A família de Suzan morava próxima à casa deles e ela, nas viagens do marido, ficava com os pais. Apenas retornava ao seu apartamento para dormir e fazer alguma limpeza. Porém, durante a viagem de Robert à Argentina, Suzan, por algum motivo, achou melhor ficar em sua própria casa, contrariando as recomendações do marido.

O detetive estava desconfortável na casa de Juan. Ele podia sentir uma grande ação demoníaca naquele lugar, mas resolveu não dizer nada ao argentino, para não deixá-lo mais assustado. Juan era muito sensível e temeroso e Robert não queria piorar as coisas. Ele sabia que Louise estava ciente de suas atividades ali. Isso criou um clima pesado na casa, com um joguinho de gato e rato. Ela sabia que ele era um detetive mas não falava isso a ele. Robert, por sua vez, sabia que Louise era uma Filha da Luz, mas mantinha a aparência de “advogado” amigo de Juan. As conversas giravam em torno de assuntos relacionados aos desaparecimentos das crianças e pessoas naquela região, e Louise ironicamente fazia seus comentários, com um tom sarcástico na voz, dando a entender que ela sabia jogar muito bem aquele joguinho.

À noite, Robert estava em seu quarto, lendo sua velha Bíblia, que lhe acompanhava há muitos anos, quando Juan bateu à porta.

- Está acordado? Perguntou o argentino.

- Sim, estou. Pode entrar. Foi a pronta resposta do brasileiro.

- Acho que Louise descobriu que você é detetive. Ela está me fazendo muitas perguntas sobre você, sobre muitas coisas... Acho que eles nos desmascararam! O que vamos fazer? Falava sussurrando Juan, com uma expressão assustada estampada no seu rosto.

- Ela com certeza sabe quem sou eu, mas não vai querer estragar tudo. Vamos continuar agindo como se não soubéssemos que eles já nos desmascararam, pois assim faremos o jogo deles, ok?! Disse Robert.

Juan concordou com um leve aceno da cabeça, mas ainda temeroso pelo arriscado plano.

Robert estava empolgado com o caso. Ele tinha uma paixão pessoal por casos difíceis e por situações de risco. Ficava o tempo todo planejando, como se estivesse dentro de um jogo de vídeo-game. A cada passo, uma nova jogada, uma fase vencida, concluída, até chegar ao fim. O problema é que isso o afastava do direcionamento do Espírito Santo, da comunhão com Deus. Muitas vezes deixava que suas próprias decisões tomassem lugar às decisões do Senhor, e isso o fazia percorrer longos caminhos que poderiam ser percorridos em menores distâncias, caso tivesse dado ouvidos à voz do Senhor.

Ruídos desconexos... Robert acorda com sussurros, gemidos, gritos. O som vinha do quarto ao lado, o quarto de Juan e Louise. Era de madrugada e provavelmente eles estivessem tendo um momento íntimo. A voz de Louise ecoava dentro de sua mente, e sua imagem imediatamente se fez presente, fazendo-o lembrar da bela esposa de Juan. Robert não tinha percebido como ela era bonita, escultural, lembrando muito uma atriz de Hollywood.

Imediatamente o Espírito Santo falou em seu coração, mandando-o ir orar, para repreender aqueles pensamentos, mas Robert, sonolento, não atendeu à voz do Senhor e continuou a percorrer com seus olhos imaginários o corpo de Louise. Lentamente caiu no sono e começou a sonhar com ela. Ela estava em seu sonho e vinha sensualmente, com uma roupa finíssima, transparente, brilhosa. Dava para ver perfeitamente as peças íntimas dela e o movimentar de seu corpo, vindo em sua direção. Robert a tomou em seus braços e começou a beijá-la, apaixonadamente, então acordou assustado.

- Meu Deus!! Acordou Suzan assustada.

- Senhor, guarde o Robert, Pai, lá na Argentina, no Nome de Jesus. Orou imediatamente após acordar com o pesadelo que havia tido, onde viu seu marido sendo atacado por um demônio com o corpo de mulher e uma cabeça desfigurada, com uma boca enorme.

- Belfegor! — Exclamou ela, lembrando-se dos estudos que

fizera com seu marido sobre os demônios.

Correu até o computador, onde Robert guardava seus estudos e procurou o arquivo com os nomes e especificações dos demônios. Lá estava: “Belfegor - demônio da classe das potestades. Atua na área sexual. Possui a personificação de uma mulher com um corpo escultural, sempre nua, com cabeça desfigurada e uma boca exageradamente grande. Conta a lenda que Belfegor ficava no cais do porto, em locais onde aparecia apenas o seu corpo, e as sombras escondiam seu rosto desfigurado. Isso atraía os marinheiros que pensando se tratar de alguma prostituta, se achegavam até ele, que os devorava instantaneamente, saciando sua fome de sangue”.

Robert acordou de seu sonho assustado. Foi algo muito real. Parecia que estava com o perfume de Louise no quarto, em suas roupas, na cama. Seu coração disparou, porque realmente ele sentiu-se ameaçado, porém seu ego masculino havia gostado, e isso o fizera pecar contra o Senhor.

No dia seguinte, na hora do café, o detetive desceu para o desjejum, porém não encontrou Juan.

- Bom Dia! Louise o cumprimentou alegremente.
- Não está um belo dia hoje? completou ela.

- Sim, está. Respondeu Robert, perguntando sobre Juan.

- Ele foi até o escritório mais cedo. Disse que se você quiser

ir até lá, é para eu te levar. Como passou a noite? Perguntou ela maldosamente, com seus olhos fixos nos de Robert e com um sorriso malicioso nos lábios.

- Did you have good dreams?

- Não. Tive um pesadelo horrível! Respondeu o brasileiro enquanto se levantava da mesa, desistindo do café.

Louise sorriu e deu lugar para ele passar, enquanto jogava o guardanapo sobre a mesa. Robert sabia que ela estava tentando seduzi-lo e, ele estava caindo na sua armadilha. Saiu para a rua e chamou um táxi, indo ao luxuoso escritório de Juan, no centro da cidade. Precisavam falar sobre a noite daquele dia, que era sexta-feira, na qual as Filhas da Luz se reuniram para mais um ritual. Aquele seria um grande dia, porque Robert poderia descobrir o lugar onde isso acontecia e as pessoas que estavam envolvidas. Seria um grande salto nas investigações.

CAPÍTULO SEIS

A Irmandade

Era tarde da noite. Robert havia caminhado muito, por uma estrada de chão, procurando o local desenhado no mapa em que encontraram no escritório de Miguel. Ele tinha tomado o cuidado de dar uma olhada no local durante o dia, porém à noite tudo parecia diferente.

Após andar um bom tempo, finalmente chegou à entrada da fazenda em que eram realizados os rituais. Estava equipado com uma máquina fotográfica que permitia tirar fotos noturnas com uma ótima definição. Procurou um lugar onde pudesse ter uma boa visibilidade das atividades ficasse confortável para permanecer muitas horas, caso necessário, e que fosse fácil de sair correndo, se descoberto pela Irmandade.

Resolveu tirar algumas fotos do lugar mesmo sem ninguém a vista ainda, para testar seu equipamento digital. Passados alguns minutos, começou a movimentação de carros chegando à luxuosa fazenda. Eram carros importados, na grande maioria, com homens e mulheres da alta sociedade mendocina. Robert fotografava todos os movimentos sem parar. Queria ter um bom material em mãos. De repente, o carro de Louise chegou. Robert aproximou bem o foco da câmera para tirar uma foto precisa. Todos entraram na casa da fazenda, ficando apenas os seguranças fortemente armados para o lado de fora,.

Algumas pessoas saíram do interior da casa e se dirigiram ao pátio lateral, onde tinha uma fogueira montada, e atearam fogo nela. Fez-se um grande clarão no local, onde se dava para perceber a mesa ritualística, feita de pedra, ao lado direito de um grande altar, também de pedra. Tudo muito bem disfarçado por uma falsa pilha de lenha que fora previamente retirada. Depois mais alguns minutos Robert começou a ouvir algumas orações sendo feitas dentro da casa. De longe se podia ver a movimentação das pessoas, que se agitavam na sala principal. Tentou aproximar o máximo o foco da câmera para tentar capturar uma boa imagem, mas estava muito distante e em um local mais elevado, o que não permitia que enxergasse dentro da casa. Achou arriscado sair dali para chegar mais perto, então preferiu esperar, para ver o que eles fariam no pátio.

Não passou muito tempo para que aos poucos, as pessoas que estava dentro da casa começassem a sair. Primeiro saíram cerca de umas cinquenta pessoas, todas vestidas com mantos azuis escuros, encapuzadas, as quais formaram um grande círculo ao redor da fogueira central, deixando aberto apenas a área do altar e mesa de pedras. Em um dado momento, saíram da casa vinte e uma mulheres, vestidas com mantos negros. “As Filhas da Luz!”, pensou Robert. Elas se dirigiram para o centro do círculo formado pelas demais pessoas, e fizeram um segundo círculo, porém menor, dentro daquele já existente. Robert tentava identificar e fotografar alguém, mas era impossível, devido aos mantos que ocultavam os rostos.

Aqueles que usavam os mantos azuis, começaram a andar vagarosamente ao redor da fogueira, fazendo um ruído, como se estivessem orando, bem baixinho. As Filhas da Luz permaneciam estáticas, no mesmo lugar. Percebia-se uma

grande força naquele lugar, a ponto de fazer as árvores tremerem ao redor daquele círculo formado por pessoas. Num determinado momento, as Filhas da Luz começaram a caminhar vagarosamente também, porém na direção oposta ao círculo maior. Suas preces eram ouvidas, com um estranho eco em suas vozes. Começou a ventar muito forte naquele lugar. As chamas da fogueira estalavam ao ar, lançando grandes labaredas de um fogo amarelo intenso.

Sem que ninguém avisasse, todos pararam de caminhar e se ajoelharam no chão, em seus lugares. Da casa saiu uma pessoa, com um manto branco, onde havia um sol desenhado ao redor do pescoço, e se dirigiu até o altar. Era o sacerdote daquela irmandade satânica. Como as Filhas da Luz adoravam a Lúcifer, o sacerdote era chamado de “Portador da Luz”.

Fez-se um silêncio impressionante naquele lugar. Até o vento se calou. Robert podia ouvir seu coração batendo e sua respiração tinha que ser muito bem controlada, para que não se ouvisse nada. O sacerdote fez um sinal com as mãos, fazendo com que todos se colocassem de pé.

- Comemoramos hoje a Festa Sagrada de Samhain. Disse ele.

- É a despedida do nosso deus cornífero, Lúcifer, que penetrará na eterna escuridão e retornará em Yule. Nesta noite, comemoramos a morte, as trevas e os oráculos mágicos. Irmãos tragam as suas oferendas, para que o nosso deus possa abençoá-los neste início de ano.

Aqueles que tinham os mantos azuis escuros saíram de seus lugares e foram até a casa, buscar suas oferendas e as

trouxeram ao altar. Havia animais mortos, flores, velas, fotos, cartas, potes com algumas coisas dentro, que Robert não conseguia distinguir; pratos com fezes e muitas outras coisas que, devido à distância, não se podia perceber exatamente o que era. Depois de todas as ofertas postas cuidadosamente no altar, aos pés do sacerdote, as Filhas da Luz saíram de seus lugares. Cada uma tinha dentro de seus mantos algo embrulhado em um tecido negro, que foi disposto em um semicírculo, em frente ao altar.

Após este procedimento, o sacerdote começou a proferir palavras em um idioma que o detetive não conseguia distinguir qual era, e as oferendas iam, uma após outra, incinerando-se automaticamente. As pessoas que estavam naquele ritual começaram a gritar e tremer freneticamente, se movimentando rapidamente em torno de si mesmas, entrando em transe. A oração feita por ele tinha o poder de penetrar nas mentes daqueles que estavam ali, fazendo com que fossem possuídos pelos demônios. Uns urravam como animais, outros se jogavam no chão e debatiam-se. Passados alguns minutos daquela oração diabólica, o sacerdote fez um gesto com a mão e um silêncio macabro pairou sobre aquele lugar. Os vinte e um embrulhos feitos com tecidos negros, que as Filhas da Luz tinham depositado em frente ao altar estavam intactos. O sacerdote disse:

- Qual de vocês dará a primeira oferta pelo presente que nosso deus Lúcifer tem para hoje?

Um deles levantou a mão e disse:

- Dou duzentos mil pesos.

- Vendido! Pode vir aqui irmão, e aguarde um pouco, por favor. Disse educadamente o sacerdote, que comandava aquele leilão sinistro.

- Qual será a próxima oferta? Continuou.

- Eu. Entrego cinquenta mil dólares. Disse uma voz feminina.

“Meu Deus!”, pensou Robert, enquanto tirava muitas fotos. “Estão vendendo aqueles embrulhos. O que será aquilo, para pagarem tão caro?!”. Após vinte e uma pessoas ofertarem para comprar aqueles embrulhos, o sacerdote ordenou que cada um pegasse o seu nas mãos, o que fizeram prontamente.

- Ergam aos céus e agradeçam a bênção ao deus cornífero, que lhes dará a riqueza neste ano que se inicia. Dizia ele, aos compradores. Então, após as orações dirigidas ao diabo, agradecendo por aquele ritual e sacrifícios, cada um abriu seu embrulho.

Robert quase desmaiou quando viu que eram vinte e uma crianças recém-nascidas e mortas, que estavam naqueles panos. Os bruxos então rasgavam as crianças com suas próprias mãos e comiam suas vísceras, seus órgãos, cada um segundo o que havia desejado receber de Lúcifer. A cena era brutal, chocante, devastadora. Seres humanos fazendo aquilo era realmente algo demoníaco. O detetive estava pasmo, em estado de choque, pois jamais imaginou ver quão grande cegueira espiritual e falta de amor nos corações daquelas pessoas, que se dispunham a participar de um ato nojento de canibalismo para satisfazer seus desejos egoístas.

Os demônios eram reverenciados com aquela atitude coletiva e o inferno estava em festa. Pessoas criadas pelo Criador, Deus Todo Poderoso, sendo usadas pelo inimigo para humilhar ao Senhor. Sem perceber, lágrimas rolavam pelo seu rosto e Robert lutava consigo mesmo para conseguir acreditar naquilo que seus olhos viam. As pessoas lá embaixo, dando gritos de alegria... Uma alegria falsa que aquela casta demoníaca denominada Lúcifer colocava em seus corações. Como uma pessoa podia ser feliz assim!? Entregando suas vidas e as vidas de suas famílias ao diabo!

As horas se passavam e aquele ritual se transformou em uma festa. Vieram bebidas, comidas e música. As pessoas dançavam, sorriam, como se nada daquilo tivesse acontecido. As Filhas da Luz rasgavam seus mantos e deixavam seus corpos descobertos, exibindo sua nudez. Robert estava impressionado com o que via. O sacerdote desceu do altar e foi em direção a uma das Filhas da Luz e a tomou em seus braços, levando-a até a mesa de pedra, ao lado do altar e ali mesmo possuindo-a com gargalhadas demoníacas. Uma orgia se iniciou no lugar, onde se podia sentir os demônios tomando aquelas vidas. As pessoas estavam totalmente possesadas por aqueles espíritos imundos, fazendo coisas que normalmente não fariam. Suas vidas estavam cauterizadas com o mal. Robert desceu furtivamente e se aproximou um pouco mais da festa, para tirar mais algumas fotos. Pôde fotografar muitas daquelas pessoas. Também tirou fotos dos carros que estavam estacionados lá. Isso o ajudaria a localizar as pessoas depois, na cidade.

Terminadas as fotos, resolveu voltar. O trabalho estava apenas começando. Ele estava decidido a acabar de uma vez por todas com aquela seita satânica chamada Filhas da Luz. Voltou

para a casa de Juan, mas não havia ninguém lá, apenas um bilhete:

“Robert, estou no escritório. A chave está no esconderijo que te ensinei. Logo chego. Juan”.

Robert já estava em seu quarto havia algumas horas. Não conseguia pegar no sono, depois de tudo o que tinha presenciado naquela noite. De repente ouviu o barulho do portão eletrônico sendo aberto. Um carro havia estacionado na garagem. “Deve ser o Juan”, pensou ele, permanecendo em seu quarto e apenas ouvindo a movimentação. Um som de passos fortes, no assoalho de madeira, feitas por um salto alto começou a ecoar na casa. Era Louise voltando da fazenda. O detetive não conseguiu distinguir se Louise era uma das Filhas da Luz ou uma daquelas pessoas que usavam os mantos azuis, mas tinha a prova de que ela fazia parte daquela Irmandade. Ele já havia passado as fotos de sua máquina digital para seu notebook e as estava vendo, uma por uma, com muita atenção, para reconhecer melhor os detalhes. Com uma ferramenta de desenho, ele marcava nas fotos algumas observações.

Passados alguns minutos, ouviu Louise ligando para Juan. Ela dizia:

- Isso são horas de estar no escritório? Ou você está enfiado na internet ou tem alguém com você aí. Quem está aí?.

Robert sorriu, quase imperceptível e friamente, olhando

através da janela de seu quarto ao ouvir isso. Ela era uma bruxa fria, satânica, calculista e se preocupava se o marido estava na internet às quatro horas da manhã.

- Mulher é igual em qualquer parte do mundo. Constatou.

CAPÍTULO SETE

As provas

Robert acordou tarde. O sol já estava alto. Ele não ouviu quando Juan chegou em casa, pois o cansaço físico o fizera adormecer profundamente. Aquele seria um dia importante para suas investigações, pois pretendia andar pela cidade, para encontrar os carros fotografados na noite anterior e identificar as pessoas ligadas à Irmandade.

Juan estava em casa, lidando com uns papéis, frente ao computador, pois na segunda-feira teria uma importante audiência no fórum da cidade, sobre um dos casos que estava advogando. Robert não quis ficar para o café. Cumprimentou o argentino e saiu logo, pois a tarefa não seria nada fácil. Procurar os carros da noite anterior em uma cidade grande como Mendoza seria algo como procurar agulhas em um palheiro.

O detetive pegou um táxi e dirigiu-se ao centro da cidade. Passava em muitos lugares, atento a todos os carros que via estacionados. Muitos deles importados, tais como os que estavam no ritual satânico da noite passada, mas não eram aqueles, pois Robert tinha as fotografias em alta resolução e alguns detalhes não eram iguais. Ele caminhou muito e chegou em frente ao hospital municipal de Mendoza. Por haver um estacionamento muito grande, resolveu dar uma averiguada lá.

Em meio a muitos carros, ele atentou para um em especial:

um Camaro Z28 Branco, que ele havia visto na noite anterior. Havia ainda, nos sulcos dos pneus, barro daquela região. Era realmente o mesmo carro. “Alguém do grupo deles deve estar aqui no hospital. Preciso investigar”, pensou o detetive, entrando pela portaria do hospital.

- Buenos dias, yo quiero hablar con el dono del auto blanco que está allá, un Camaro Z28. Arriscou ele com seu portunhol, à recepcionista do hospital.

- O dono é o doutor Vidal, um dos nossos cirurgiões obstetras e chefe da obstetrícia aqui no hospital. Ele está ocupado no momento. Seria só com ele? Respondeu a moça, perguntando ao mesmo tempo.

- Sim, eu só queria saber se o carro está a venda. Sou colecionador de Camaros e gostei muito deste. Disse ele sorridente e se despedindo.

“Doutor Vidal, médico obstetra, chefe da obstetrícia do hospital”, anotou em sua agenda arriscando um sorriso... “As coisas começam a acontecer. O Vidal é obstetra! As crianças para os rituais, ao menos as recém-nascidas saem daqui de dentro!”, pensou ele, já esquematizando um meio de montar uma campana em frente ao hospital.

- Como é que é?? Você não descobriu nada ainda? Apenas que Louise faz parte disso tudo? Indagava Juan desesperado.

- Eu não sei mais se posso dormir tranquilo. Disse ele.
- Tenho medo de ser morto durante a noite. Concluiu Juan, com seu olhar assustado e sua expressão triste e um pouco patética.

- O que eu quero te dizer é que as coisas estão andando conforme tem que ser. Não vou te dizer que já estou com tudo, mas que estamos tendo avanços consideráveis nas investigações. Relatou categoricamente Robert.

Robert e Juan conversavam abertamente, sobre o caso e também sobre suas situações particulares. Juan estava com medo de Louise, e Robert sentia muita falta de Suzan. Mal sabiam eles que Louise estava no quarto ao lado ouvindo a conversa. Ouviu Robert dizer a Juan que estava sentindo falta de sua mulher e que isso o atrapalhava bastante e que queria mais do que nunca encerrar logo o caso para poder voltar ao Brasil. Ela ouvia tudo atentamente, enquanto sua mente formulava uma maneira de derrotar o detetive.

Juan, preocupado, contou a Robert que precisaria fazer uma viagem rápida à capital Buenos Aires, a negócios, mas que voltaria em dois dias. Robert achou melhor dormir em um hotel, o que Juan concordou plenamente.

O detetive escolheu um hotel bem no centro da cidade, em frente ao hospital. Não poderia haver um lugar melhor, pois ali ele poderia vigiar todo o tempo as entradas e saídas daquelas pessoas, principalmente das envolvidas com as Filhas da Luz. Juan finalmente viajou e Robert, em posse de sua filmadora,

gravava toda a movimentação do hospital. Aproximadamente às 20:00h, alguém bateu à porta.

- Quem é? Gritou o brasileiro, num tom pouco hospitaleiro.

- Sou eu, Louise. Quero falar contigo. Respondeu a voz feminina do outro lado da porta.

“Louise??” Pensou Robert, enquanto corria para guardar a filmadora e desligar o notebook que estava aberto sobre a cama. Ao abrir a porta, Robert estremeceu. Ela estava linda, com um vestido longo negro, lindamente penteada e com um perfume simplesmente sedutor. Era uma visão deslumbrante.

- Pois não? O que quer falar comigo? Perguntou gaguejando, o detetive.

- Não se assuste Robert. Vim convidá-lo para jantar. Afinal de contas, estou sozinha e você também. Podemos nos fazer companhia... A não ser que eu não seja uma companhia agradável para você. Declarou com um sorriso maldoso e um olhar que, primeiro lançou ao chão, e depois fitou seus lindos olhos nos dele, com um ar convidativo.

- Claro que não, entre. Você é uma companhia agradável. Aguarde aqui enquanto pego meu casaco para sairmos. Disse Robert, despistando-a da vista panorâmica do hospital logo à frente, no outro lado da rua.

No restaurante, conversaram sobre muitas coisas. Ela

sorria maravilhosamente. Robert ficou alguns minutos observando os sorrisos de Louise tentando, inutilmente, encontrar um defeito em seus dentes. Ela era perfeita. Uma combinação perfeita de olhares, piscadas e sorrisos. Sempre, insistentemente uma mecha de cabelos caía-lhe sobre seu rosto, tornando-a ainda mais linda. Ele estava realmente impressionado com ela e aquilo lhe estava preocupando. Dentro de si o Espírito Santo gritava para que ele saísse daquele lugar, pois era uma armadilha do inimigo, mas o seu ego pessoal dava-lhe a segurança necessária para estar sentado àquela mesa.

Acidentalmente ele esbarrou a sua perna na dela, sob a mesa e ela sorriu colocando a mecha de cabelos atrás da orelha e olhou novamente para ele, sorrindo. Robert estava experimentando uma situação extremamente nova na sua vida. Ele estava perdidamente envolvido por ela, pela sua beleza. Seu cérebro não conseguia se lembrar das cenas macabras vistas há alguns dias, ele só pensava nela naquele momento, como se algo bloqueasse a sua mente.

Após o jantar, ambos foram caminhando até uma praça, onde se sentaram por um segundo. Robert olhou em seus olhos e disse:

- Você é linda. Ele não queria dizer aquilo, mas ao mesmo tempo ficou feliz por haver dito.

O pecado estava ardendo dentro dele e entristecendo o Espírito Santo. Havia legalidades, desejos que o bloquearam de reagir espiritualmente e Robert, naquele momento estava totalmente carnal. Sua comunhão com o Espírito Santo foi rompida bruscamente pelos lábios dela quando ela o beijou e ele

aceitou. Foi um longo e apaixonado beijo. Os demônios voavam ao redor deles naquela praça mas Robert já não podia mais vê-los, porque acabara de perder seu discernimento espiritual. Seu pecado consumado com o adultério naquele momento, o afastava de Deus e o deixava sem proteção espiritual.

Foram ao hotel e Robert se deitou com ela. O inferno fez festa e o céu se emudeceu. A distância, o ataque, a solidão... algo o fez errar, mas seu erro foi gravíssimo e o separou de Deus. As consequências deste erro foram terríveis.

No Brasil sua mulher acordou assustada, suando muito. Robert havia pecado. Ela podia sentir isso. Ajoelhou-se e orou por ele:

- Senhor, não sei o que Robert fez, mas te peço perdão por nós, que somos uma só carne... orou um longo período e adormeceu aos pés da cama, chorando na presença de Deus.

No outro dia cedo, Robert acordou com o primeiro raio de sol batendo no seu rosto. Louise não estava mais lá, como já era de se esperar. Em cima do balcão do quarto encontrou apenas um bilhete: “Querido Robert, a noite foi maravilhosa. Você me deu o que eu queria... Veremos-nos em breve. Beijos, Louise”.

Ele mal conseguia se olhar no espelho. A vergonha era tanta de si mesmo...

- Meu Deus, o que foi que eu fiz? Perguntou ele

desesperado e caiu em um pranto doloroso e arrependido. O detetive ficou ali, durante algumas horas, apenas soluçando, enquanto vinham a sua mente a lembrança de sua esposa e filha, que ele havia traído.

CAPÍTULO OITO

O preço do pecado

Silenciosamente alguém abriu a porta do apartamento, onde Suzan estava dormindo. Pé ante pé, eles adentraram pela sala. Sara estava dormindo em seu quarto e para lá seguiu uma das três pessoas que ali estavam. Duas outras vão até o quarto do casal.

Com um pano na mão, rápida e violentamente agarraram Suzan, imobilizando-a e deixando-a sem reação, devido ao choque que o ato inesperado lhe aplicou. Friamente arrastam-na para a sala, onde sua filha Sara estava sendo presa por uma daquelas três pessoas encapuzadas e todas vestidas de preto. Suzan se desesperou e tentou livrar a filha das mãos daquele satanista que a estava segurando, porém, foi em vão. Suas forças estavam se esvaindo, devido a um produto no qual estava embebecido o pano que a amordaçava.

A porta da sala se abriu e uma quarta pessoa entrou, vestido com um manto branco, encapuzado, com um sol desenhado no manto, ao redor do pescoço. Ele trazia em sua mão um áthame, um punhal sacrificial. Sempre proferindo palavras em um outro idioma, se colocou perto da menina e desferiu um golpe certo no peito dela, tirando-lhe totalmente a vida. Sua mãe assistiu a tudo, dopada. Então, com a destreza impressionante de um cirurgião, ele colocou a mão dentro do corpo inerte da menina e retirou o coraçãozinho, ainda quente,

para ser sacrificado ao diabo.

Suzan não suportou ao presenciar a brutalidade da cena e desmaiou.

- Nãaaaaaaaaaooooooooooooooooooooo!!! Não pode ser! Eu devia ter imaginado que havia dado legalidade para o inimigo agir na vida daqueles que eu mais amo... a culpa é minha, filhinha, a culpa é minha!! Repetia Robert, descontrolado e confuso, agarrado ao pequeno caixão de Sara, após uma terrível viagem de volta, imediatamente depois de receber a notícia do assassinato de sua filha.

As lágrimas eram insistentes... não paravam de rolar. Ele não comia nem bebia nada a horas, desde que recebeu a notícia. Robert estava inconsolável, pois sabia que era sua culpa. Ele havia morrido com ela. Apenas seu corpo sem vida estava ali. Aquela cena, além de ser terrível por si só, trazia a sua mente o dia da morte de seus pais. Era mais uma tragédia que estava passando. Sua alma parecia inexistente. Robert estava sem cor, sem movimentos... apenas chorava e repetia:

- A culpa é toda minha, a culpa é toda minha...

Os amigos do detetive tentavam consolá-lo, porém em vão. Ele não atendia a ninguém. Passou todo o velório da sua filha ao

lado do caixão.

No dia seguinte, durante o cortejo, Robert mantinha-se em silêncio, com um olhar distante. Não havia falado com ninguém, nem mesmo Suzan, que estava hospitalizada, devido ao trauma chocante de ter visto sua filha ser assassinada.

No momento em que o caixão estava sendo baixado, Robert quebrou o silêncio e gritou, com dor:

- Filha!! Eu vou pegar quem fez isso! Nem que seja a última coisa que eu faça! Eles vão pagar por isso. Eles vão pagar por isso! E caiu em um choro incontido, até desfalecer e ser amparado pelos parentes e amigos.

Uma semana se passara e Robert estava vegetando. Sua esposa já estava se recuperando do trauma sofrido, mas ele não. Não falava com ninguém. Juan havia vindo vê-lo, porque quando chegou de Buenos Aires, soube da notícia e viajou imediatamente. Porém Robert não conseguia falar com ele. Era evidente que o sentimento de culpa que rondava o detetive era tremendo e terrível e estava assolando-o.

Sua expressão era introspectiva. Passava os dias sentado em uma poltrona em seu quarto, olhando através da janela. Sua mente, apesar de brutalmente traumatizava, não parava de pensar em uma forma de esquecer tudo aquilo, que parecia um pesadelo.

Juan ligava todos os dias, mas Robert não o atendia. Ele

havia enviado uma grande quantia de dinheiro, para ajudar com as despesas, mas Robert não o agradeceu. Suzan estava agora preocupada em perder o marido. Ela não o culpava, apenas entendia que aquilo tudo era uma terrível fatalidade, que deveria ser superada, apesar da dor.

Pouco mais de um mês após a morte de Sara, Robert resolveu ligar para Juan e cancelar o caso. O argentino concordou, dizendo que entendia. Disse que seria o segundo detetive que fora retalhado pela Irmandade e que isso o assustava ainda mais, pois temia pela sua vida e achava que ele seria o próximo.

Não lhe importava mais o medo de Juan, Robert agora estava decidido. Não trabalharia mais como detetive. Voltaria a sua antiga profissão de psicólogo, atendendo seus pacientes em um consultório. Ele não venceu, foi derrotado terrivelmente pelo inimigo e não queria perder o resto da sua família: Suzan. Ela era tudo o que lhe havia restado.

CAPÍTULO NOVE

Oito meses depois do assassinato...

O telefone tocou e Robert atendeu:

- Pois não?

- Lembra-se de mim, Robert? Falou uma voz conhecida do outro lado da linha.

- Louise? É você? O que quer comigo? Espantou-se o brasileiro.

- Te liguei para te dar uma notícia. Estou grávida! Já estou no oitavo mês. Juan, há uns anos atrás fez um exame de fertilidade e descobriu que era estéril, mas com a minha gravidez, ele pensou que o exame estava errado. Errado está ele, pois eu engravidei de você. Mas tudo bem, não precisa assumir a criança, tenho outros planos para ela, logo que nascer. Ah! Fiz o ultrassom, e é uma linda menina. Penso em chamá-la Sara, o que acha? Contou ironicamente ela.

- Sua bruxa desgraçada! Pensa que pode me ameaçar assim? Foi você que enviou aqueles assassinos para acabarem com a minha vida! Esbravejou Robert.

- Eu tenho vontade de acabar com a sua raça! Gritou o detetive, desligando o telefone bruscamente na cara dela.

E agora? Seria verdade? Ela estaria mesmo esperando uma filha dele? Uma frase ficava lhe incomodando, repetidamente: “não precisa assumir a criança, tenho outros planos para ela, logo que nascer”... Logo que nascer... Ela iria sacrificar a criança!! Lembrou-se do bilhete de Louise no hotel, onde ela havia escrito: “Você me deu o que eu queria...”. Robert correu até ao computador e abriu o arquivo que continha as informações sobre as Filhas da Luz e começou a relê-lo todo. Lá encontrou uma parte que falava sobre a necessidade que essa seita tinha de, em tempos definidos, sacrificar crianças obtidas através de relações entre servos de Deus, que haviam pecado contra Deus, com as servas de Satanás, as quais seriam depois, oferecidas a demônios específicos, acreditando que isso os tornaria uma raça mais forte.

Imediatamente lembrou-se da promessa que fizera a Sara, no momento do seu sepultamento, dizendo que pegaria os responsáveis por sua morte.

Robert correu, pegou sua Bíblia e abriu no livro de Gênesis, capítulo seis, que dizia: “Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram. Então, disse o SENHOR: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos. Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade”. Claro! Eles acreditam que quando um filho de Deus, ou seja, um cristão, possuísse uma “filha dos homens”, ou

uma “filha da luz”, isso fazia criar uma raça forte, de gigantes, os Nephilians. Essa visão herege da Bíblia eles sempre tiveram, desde os tempos mais remotos e teriam que sacrificar uma criança para que essa imaginária raça pudesse existir.

Era exatamente isso que tinha acontecido! Louise o havia seduzido para poder engravidar e sacrificar aquela criança para o demônio. Robert levantou-se da cadeira. Um misto de sentimentos e emoções começaram a açoiá-lo. Suzan entrou no quarto e o olhou assustada, esperando que dissesse alguma coisa, porém ele não disse nada. Apanhou a sua Bíblia e foi para o seu escritório, conversar com quem realmente poderia resolver o problema.

A madrugada foi tensa. Parecia que o ar era intragável e o silêncio que fazia naquele escritório era muito alto para os pensamentos de Robert. Sua Bíblia permanecia fechada até então, em suas mãos. Todas as cenas daquele dia em que Louise fora ao hotel na Argentina ainda insistiam em passar diante de seus olhos. Era uma espécie de tortura espiritual que ele estava experimentando, e que merecidamente suportava.

Abriu a Bíblia aleatoriamente, no livro de Êxodo, capítulo vinte, verso cinco e leu:

- Visito o pecado dos pais nos filhos.

Deus havia visitado o seu pecado na sua filha Sara, permitindo que os satanistas a matassem. Robert tinha cedido à tentação e ao pecado, abrindo uma brecha tremenda para o inimigo agir.

Criou uma legalidade em sua família, um ponto de apoio para que os demônios pudessem agarrar. Era como um alpinista que ao escalar uma montanha sem cordas nem equipamento de segurança, quando batia um vento muito forte, o arrancava da parede de pedras e o arremessava para baixo. Quando os demônios queriam subir na sua vida, ele orava e o Espírito Santo enviava um forte vento para derrubá-los. Mas quando deu brecha ao pecado, os demônios agiram como os alpinistas que sobem uma montanha com equipamentos apropriados, e encontram as brechas na parede de pedras, às quais fixam pontos de apoio, onde prendem as cordas. Quando o vento vem e os arranca dali, eles continuam fixos às cordas, e voltam novamente a escalar. O necessário para obter a vitória é retirar os pontos de apoio e fechar as brechas espirituais.

O detetive se ajoelhou na presença de Deus e chorou... Chorou amargamente o seu erro e pediu ao Senhor que o perdoasse, e que retirasse os pontos de apoio em sua vida e na vida de sua família, e que também fechasse as brechas que ele havia aberto com o pecado.

Ele viu uma possibilidade de amenizar o seu erro: ir novamente a Mendoza e salvar a criança que Louise estava esperando, trazendo-a ao Brasil. Afinal de contas, era sua filha, e não permitiria que as Filhas da Luz a matassem.

O sol batia fortemente no rosto de Suzan. Ela ouviu um barulho e acordou. Viu Robert arrumando a mala.

- O que está fazendo, Robert? Perguntou ela aflita, já sabendo a resposta.

- Vou à Argentina. Tenho negócios para resolver lá. Falou conclusivo, sem olhar para ela e sem parar de fazer as malas.

Suzan sentou-se na cama e começou a chorar.

- Robert, eles vão matar você! Será que não percebe? Entraram aqui e mataram a nossa filha! Você será o próximo. O que você tem lá para resolver, meu amor? Perguntou em meio a soluços e lágrimas.

- Suzan, sei que o que eu vou te contar aqui, talvez faça com que você nunca mais me perdoe, mas preciso te contar: quando eu estava em Mendoza, fui seduzido por Louise, a esposa de Juan, que é uma das Filhas da Luz, e acabei me envolvendo com ela. Declarou Robert.

- Se envolvendo como, Robert? O que vocês fizeram? Se desesperou a esposa.

- Tive uma relação sexual com ela, e isso me fez pecar contra o meu Deus e contra você. Dei legalidade ao diabo para matar a nossa filha. A culpa é toda minha! Disse em prantos.

- Agora Louise me ligou, falando que está grávida de mim e

que é uma menina, a qual vai colocar o nome de Sara. E que vão matá-la em um ritual satânico. Confessou ele.

Suzan já não conseguia suportar. Estava paralisada. Sentou-se atônita, sem conseguir entender o que estava acontecendo.

- Meu amor, você precisa me perdoar. Não posso permitir que matem a criança. Preciso salvá-la! Implorava Robert a Suzan pela sua compreensão.

- Robert, você me traiu! Ligue para a polícia de lá. Denuncie o caso. Você não precisa ir! Disse ela.

Robert, em um tom brando e delicado de voz, quase chorando, diz:

- Você não sabe o que eu passei lá. A polícia está do lado deles. Ninguém acreditaria. Nem o próprio Juan. Vou ter que ir escondido de todos.

Suzan levantou-se e foi até a cozinha. Ela não disse nada, mas sabia que não adiantaria dizer não, pois o marido realmente precisava fazer aquilo. O coração de Suzan estava dividido, quebrado, triste. Não poderia suportar a perda dele também. Ela ensaiava uma prece, mas não se lembrava mais como fazê-la, tamanho era o número de vozes que assombravam a sua memória. Tentou então ler a Bíblia, que estava em cima do micro-ondas. Abriu a Bíblia e deu exatamente em uma página em branco antes do início do Novo Testamento. Deus se mantivera em silêncio, para que ela pudesse tomar a sua decisão.

- Robert. Confesso-lhe que não consigo entender o que está havendo. Você nos traiu, traiu a mim e a nossa filha que eles mataram. Agora você quer voltar para a Argentina pra salvar a filha da mulher que matou a nossa? O que te garante que ela realmente está grávida de você? Eu sempre confiei em você, Robert, por isso não posso acreditar que você tenha feito isso... e ainda queira voltar.

Robert não conseguiu conter as lágrimas e caiu aos pés de sua esposa.

- Me perdoe, Suzan. Você é tudo o que tenho. Não sei porque fiz aquilo... dei lado ao pecado, fui hipnotizado, seduzido por ela. Eu jamais faria alguma coisa para lhe magoar, mas preciso voltar lá e impedir que aquela criança seja morta.

Suzan não conseguia suportar. Era muito para ela receber a notícia de que fora traída pelo seu marido e que isso fizera com que perdesse sua filha. Agora o marido estava caído aos seus pés, chorando como uma criança, querendo o seu perdão. Como perdoá-lo? Onde encontrar forças? “De onde me virá o socorro, meu Deus?”, pensou ela, com a Bíblia nas mãos, abrindo no salmo 121: “A minha salvação vem do Senhor, que fez os céus e a terra”. Um sorriso... quase imperceptível, mas era um sorriso brotando nos seus lábios. Apesar de todas as dificuldades que estava enfrentando, das revelações que seu marido acabara de lhe fazer e do desejo dele de voltar até à Argentina, coisa que lhe era impossível compreender naquele momento, Suzan havia sido respondida por Deus. A sua salvação, o seu auxílio, o seu socorro viriam do Senhor.

CAPÍTULO DEZ

Portador de Luz

Da Janela do seu quarto, ricamente mobiliado, a luz tênue da lua refletia um brilho maléfico em seu olhar. Tinha algo diferente de um ser humano normal. Os demônios que o possuíam gostavam de se manifestar à noite e isso o transformava.

O gatinho siamês em seu colo, mesmo sendo um animal extremamente sensível ao mundo espiritual, mal sabia o que estava acontecendo ali.

- Este Robert... quem será que ele pensa que engana? Resmungou, enquanto apertava freneticamente suas mãos sobre o gato, em um carinho macabro e incontido.

As nuvens lá fora formavam um paredão de trevas, impedindo que a luz da lua chegasse até o seu quarto.

- Porque ó deusa da Lua, não mostra o seu brilho? Será que até o deus cornífero tem se envergonhado de mim! Por quê? Reclamava ele

- Aquele mortal idiota pensa que poderá nos destruir, senhor das trevas? É isso? Eu o destruirei, pai maligno, te prometo, mas não peses sua mão sobre mim. Orou ele ao diabo.

As nuvens passaram e a lua voltou a iluminá-lo. Um sorriso

brotou no canto de seus lábios.

Lentamente ele se levantou. Sua face agora estava oculta pela sombra e seu colo iluminado pelo luar que surgia pela janela do quarto. O gato siamês amavelmente acomodou-se em seus braços, olhando preguiçosamente para fora. Ele o levantou com a mão esquerda, em oferenda e com a direita, pegou um punhal de prata em cima da mesa e num golpe preciso degolou o animalzinho. Seu sangue felino esparramou-se pelo caríssimo tapete persa, enquanto um riso demoníaco ecoava pelas paredes do casarão.

- Oh grande deus cornífero. Ofereço-te este sacrifício em teu louvor. Bradou com força, enquanto sorvia ferozmente o sangue inocente do gatinho siamês.

Algo estava no ar. Havia uma sombra a mais do que aquelas que comumente se formavam na penumbra. Um espírito demoníaco vigiava aquele sacrifício, oculto em meio às sombras do quarto. O Portador de Luz estava satisfeito, pois havia um plano formado para acabar com a vida de Robert. Eles sabiam tudo e Satanás estava de acordo com o assassinato. Mas ele queria mais... Apenas Robert seria muito pouco para eles.

Na manhã seguinte ele acordou. Agora era um ser humano normal. Ninguém seria capaz de reconhecê-lo na rua. Jamais alguém imaginaria que por trás daquela expressão séria e

tranquila estaria estampada a mais terrível face de ódio e terror dos demônios que o possuíam. Foi ao seu escritório, no centro da cidade, trabalhar. Sorriu para a secretária.

- Bom dia. Cumprimentou-a. Ela retribuiu o cumprimento e lhe passou as correspondências. Mal sabia que seria uma das próximas vítimas rituais das Filhas da Luz. Seu nome era o próximo da lista de pessoas que seriam mortas para serem oferecidas aos demônios em rituais macabros de orgias e mortes.

Ao entrar em seu escritório, pronunciou algumas palavras de seu ritual diário de liberação demoníaca, um dos nove rituais necessários por dia, para manter seu corpo fechado contra todo ataque de outros bruxos. Adorou ao diabo com uma prece longa, de palavras repetitivas e começou o seu dia de trabalho.

Muitas vezes, juntamente com outros satanistas, ele ia a supermercados para fazer compras, e com a imposição de suas mãos, ia amaldiçoando todos os produtos das prateleiras, para que quando um incauto comprasse um produto daqueles, adquirisse maldição sobre a sua vida. Outras vezes, ficava em frente aos portões das escolas infantis, como se fosse buscar uma criança, e tocava nas cabeças das crianças que passavam, como quem está acariciando, mas na realidade estava amaldiçoando-as para que ao crescer, não seguissem o caminho de Deus.

Para os satanistas, os cristãos são o “povo inimigo”. Eles são capazes de qualquer coisa para destruir as igrejas e as famílias.

Ádria era uma boa secretária executiva. Falava inglês, português, japonês e outros idiomas para contatos internacionais. Trabalhava com ele há alguns meses e estava tremendamente feliz com o ótimo salário que vinha recebendo.

Ela vinha de uma família bem pobre, da periferia mendocina. Seus pais, separados há oito anos, fizeram com que a situação financeira fosse algo muito sensível entre os quatro irmãos menores, que ela responsabilmente prontificou-se em cuidar, junto com a mãe.

Ele, sem que Ádria soubesse, não era apenas um bom patrão e excelente amigo, apesar dos poucos meses que estavam trabalhando juntos. Era conhecido dentro de uma das maiores tradições de magia negra da América do Sul como “O Portador de Luz”, o Grande e Sumo Sacerdote. A secretária não percebia o perigo, mas logo seria assassinada por ele.

Naquela mesma noite, o patrão a convidou para jantar. Ela aceitou, afinal de contas, seria uma ótima chance de ter uma aproximação maior com o chefe e adquirir assim uma posição mais “confortável” na empresa. Ambos foram a um apartamento alugado por ele, para situações como aquela. Lá, a mesa estava posta, com talheres e porcelanas finíssimas. Entre travessas e pratarias, uma bandeja no centro da mesa, lindamente decorada, porém sem o prato principal.

Ádria sorriu ao ver a enorme mesa posta, com vinte e dois lugares arrumados e perguntou a ele, o porquê de tantos pratos.

Ele singelamente sorriu e disse:

- Para o nosso jantar romântico. Respondeu ele, enquanto andava em sua direção, recitando um poema de Anton LaVey, o pai do satanismo moderno, sem desviar seu olhar dos olhos de Ádria.

- Eu sou o mago e o poeta, o construtor e o arquiteto...

As vinte e uma Filhas da Luz começaram a entrar na sala mobiliada, todas vestidas com suas túnicas negras, recitando palavras desconexas de forma contínua.

A secretária que estava estática entrou em pânico e ameaçou correr. Dois homens vieram por trás, a seguraram fortemente e lhe amordaçaram a boca. Outra pessoa trouxe a veste do Portador de Luz, para que ele a vestisse: Uma túnica branca com um sol bordado em ouro, ao redor do pescoço.

- Sou vida e doador de vida... Continuou o Sacerdote recitando ... No entanto, conhecer-me é conhecer a morte!

Violentemente desferiu um golpe certo com seu áthame de prata no pescoço da jovem, fazendo com que o seu sangue fosse jorrado para o chão, banhando os pés de quem estivesse por perto. Seu peito foi dilacerado com o mesmo punhal e seu coração, finalmente arrancado.

A linda bandeja de prata decorada, agora tinha seu prato principal: um coração humano. Todos se sentaram, fizeram sua prece a Satanás e participaram daquele demoníaco banquete. Houve festa no inferno, naquela noite.

CAPÍTULO ONZE

Mendoza novamente

O aeroporto de Mendoza estava lotado. Muitas pessoas estavam chegando para a estação de esqui nas montanhas. Robert pôde facilmente se misturar aos turistas, usando boné e óculos escuros. Sua barba estava crescida pois sua intenção era não ser reconhecido naquele país. Precisava aguardar naquele mês que sua filha com Louise nascesse para tentar levá-la ao Brasil, para fugir da Irmandade.

Hospedou-se no hotel em frente ao Hospital Municipal de Mendoza, onde tinha certeza que eram feitos os partos clandestinos. Instalou todo o equipamento que trouxera: máquinas digitais de filmagem, com visão noturna e fotografia e um notebook para editar as informações. Robert aproveitou e alugou uma roupa de neve e um par de esquis, para disfarçar um pouco e criar um bom álibi sobre suas movimentações ali.

Com a filmadora digital, ligada ao notebook, ele podia deixar filmando direto, sem interrupções, vinte e quatro horas por dia, e à noite, rever as imagens em andamento mais rápido, analisando a movimentação do hospital. Buscava nas imagens por carros conhecidos, como o Camaro branco do Doutor Vidal, chefe da obstetrícia do hospital, e rostos conhecidos como o de Louise, que a esta altura já estaria com quase nove meses de gravidez. Portanto, pronta para dar à luz a sua filha.

Durante a tarde, Robert disfarçado, foi dar uma olhada no hospital. Queria ter certeza por onde Louise entraria para ter o bebê. Ali seria a sua única chance de pegar a criança. Não teria uma segunda chance, porque com toda a certeza eles a matariam em seguida, no ritual de evocação a Lúcifer, que fariam com a criança pura sendo morta. Discretamente ele anotava cada passo em uma caderneta de mão e gravava algumas informações falando em seu celular. No piso inferior do hospital, onde havia o necrotério, era também o lugar onde os partos clandestinos eram realizados e com certeza seria ali o parto de Louise. Sorrateiramente entrou por uma porta na parte de trás, próximo ao depósito de lixo hospitalar, e desceu uma rampa que o conduzia ao necrotério.

Robert tentou forçar a porta, mas estava trancada. Olhou então pela janela e percebeu que havia alguns corpos estendidos sobre as mesas de metal e pensou rapidamente em um bom plano que poderia dar certo: foi até a recepção dizendo que havia perdido o contato com um parente que tinha se acidentado e queria saber se ele não estava internado naquele hospital. A recepcionista lhe perguntou se o seu parente não havia se envolvido em um acidente de ônibus, pois havia alguns corpos que precisavam ser reconhecidos. Robert tentando esconder a felicidade de poder entrar no necrotério, fez uma cara de assustado e disse:

- Sim, ele estava em um ônibus que se acidentou. Imediatamente a mulher chamou um enfermeiro que o conduziu ao necrotério.

Os corpos estavam mutilados. Seria difícil reconhecer alguém naquele estado mesmo... Mas Robert não estava ali

realmente para aquilo. Seu interesse era observar se existia algum material de cirurgia além dos habituais para as necropsias. Olhou o primeiro corpo para disfarçar: uma linda jovem, de uns quinze anos, estraçalhada pela violência do acidente.

- Graças a Deus, não é esse o meu parente. Disse ele, quase chorando ao enfermeiro.

Lentamente se dirigiu ao outro corpo. Seu estado era terrível, impossível de alguém reconhecer. Ele só olhou para o enfermeiro e não disse nada. Era óbvio que não tinha como reconhecer aquele ali sem um exame de DNA. Na ida ao terceiro corpo, percebeu que existia uma porta ao lado de um armário que guardava instrumentos para as autópsias e outras coisas. Ele precisava saber se ali era um banheiro então forjou uma ânsia de vômito ao olhar para o terceiro corpo; um senhor de meia idade, com um leve sorriso nos lábios. “Este deve ser crente”, pensou consigo mesmo. Perguntou ao enfermeiro se ali, naquela portinha, era o banheiro e o enfermeiro disse que não, que lá era um pequeno laboratório, para avaliação de órgãos para transplante.

Robert olhou feliz para o enfermeiro e disse:

- Nenhum desses é meu parente. O enfermeiro sorriu e deu com os ombros, levando-o de volta até a recepção, onde amigavelmente se despediu.

- Pequeno laboratório para avaliação de órgãos... haamm!

Isso está me cheirando a órgãos para rituais de magia negra. Disse baixinho, ao atravessar a rua com destino ao hotel, para anotar suas descobertas.

No hotel, Robert começou a escrever tudo o que tinha descoberto. A qualquer momento eles poderiam fazer o parto de Louise, pois pelos seus cálculos, ela já estaria de nove meses, aproximadamente. Pensou em vigiar a casa de Juan, mas eles poderiam vê-lo. Nada mais podia ser feito... o único jeito agora era esperar.

Como ele havia deixado a sua câmera filmando continuamente a entrada do hospital, Robert poderia dar uma caminhada pelo centro da cidade, para ver se descobria algo, ler uns jornais, pesquisar alguma coisa.

Após comprar todos os tablóides que encontrou, sentou-se em uma cadeira junto a uma mesinha colocada na calçada da esquina de uma lanchonete que parecia muito com alguns “pubs” europeus que conhecia, e pediu um capuccino, visto que a temperatura já caíra bastante. Mendoza, situada ao lado da cordilheira dos Andes, aos pés do grande Aconcágua, com seus seis mil, oitocentos e cinquenta e nove metros de altitude, tinha sempre uma brisa gelada no ar. Robert estava sentindo calafrios, mas não era por causa da temperatura e do vento. A qualquer momento ele teria que enfrentar as Filhas da Luz face a face...

Talvez morresse, devido ao pesado armamento que elas tinham como proteção. Talvez pudesse ir preso, levando em conta que estaria sequestrando uma criança Argentina. “Meu Deus! Isso é crime federal! Posso pegar trinta anos de cadeia no Brasil por isso...”, pensou vacilante o detetive, revendo seus planos.

O capuccino chegou e ele sorriu nervosamente para o garçom.

- Galletitas, señor? Perguntou ele a Robert.

- No, gracias. Respondeu o detetive no seu portunhol policial.

Ao sorver o primeiro gole quente do café, ele fixou seus olhos em um dos jornais que estava a sua frente sobre a mesa: “MERCADO NEGRO! Venda de órgãos para o exterior continua!”, Dizia a matéria sensacionalista de um tablóide argentino. Robert quase cuspiu o café, tamanho o susto. Rapidamente abriu o jornal na página indicada pela manchete de capa:

“As acusações continuam... José Candeias, ex-funcionário (agora exonerado pelo governo municipal) da intendência de Mendoza, volta a afirmar que órgãos humanos estão sendo vendidos ao mercado negro para transplantes clandestinos fora do país. José afirma que os principais compradores são clínicas no Brasil, Estados Unidos e Europa. Segundo ele, crianças desaparecidas nas regiões metropolitanas de Mendoza têm sido assassinadas para que seus órgãos sejam retirados.

A associação nacional de busca a crianças desaparecidas, ANBCD, disse não haver nenhum indício de que as crianças

possam estar sendo assassinadas, já que nunca encontraram nenhum corpo. Segundo a polícia local, a taxa de assassinatos em Mendoza diminuiu radicalmente nos últimos anos, após o tenente Días assumir o comando de operações da divisão de homicídios.

José Candeias afirma não ter provas textuais, mas que está em busca das mesmas e teme pela sua vida”.

Robert ficou interessado pelo assunto, afinal de contas, poderia levá-lo mais próximo dos responsáveis pelas Filhas da Luz. Precisava a todo custo falar com o tal José Candeias. Mas como? Resolveu orar. Baixou a sua cabeça, ali mesmo naquela mesa da cafeteria, e disse:

- Pai, eu preciso falar com o José Candeias. E preciso falar com ele hoje, Senhor. Me ajude, por favor, no Nome de Jesus.

Tendo terminado a oração, o garçom voltou até á mesa e perguntou se Robert queria alguma coisa. Na mesma hora o Espírito Santo disse ao detetive: "Pergunte sobre o José".

Robert relutou e falou no seu coração "Isso é loucura... Mendoza é uma metrópole. Como esse garçom vai conhecer o tal José. Devo estar pensando coisas", e respondeu ao garçom que não queria nada.

"Pergunte!!". O Espírito Santo deu um grito tão forte, que Robert chegou a se assustar e gritou também:

- Ei! Garçon! O garçom olhou pra ele esperando.

- Você conhece o José Candeias, este que está aqui no jornal?

- Sim. Ele é nosso cliente. Vem sempre aqui, debater com as pessoas sobre os seus assuntos. Mais tarde ele deve estar por aqui. Finalizou.

Robert ficou sem reação.

"Você crê em mim?". Perguntou-lhe o Espírito Santo.

- Sim Senhor, eu creio. Respondeu sussurrando, constrangidamente o detetive, sentando-se de cabeça baixa.

"Então aprenda a ouvir a minha voz. Você está sendo um sacerdote cego, como Eli o era. Mas o quero como um menino, que seja sensível a mim, como foi o jovem Samuel no Templo. Deixe que Eu te guiarei, Eu te conduzirei e te mostrarei o caminho correto. Não temas, pois a minha Destra já está estendida para te ajudar. Sê forte e corajoso, pois sou o Deus de Abraão, de Isaque e Jacó, o Deus de Israel, o Deus de Moisés, de Josué, de Jessé pai de Davi. Sou o Deus de todas as eras e tempos. Eu sou o teu Deus!".

Robert sentiu-se arrepiar. Seus sentidos começaram a falhar... seus lábios queriam falar mas sua língua proferia palavras em um outro e maravilhoso idioma. Deus o tinha tomado com seu poder, ali mesmo naquela calçada, sentado em

uma mesa da cafeteria. Sentiu-se nitidamente embriagado, não por vinho, mas pelo Espírito Santo do Senhor.

Deus estava falando com ele novamente. Apesar de todas as lutas, apesar do seu erro, Robert não era uma pessoa promíscua. Pecou com Louise, sim, mas ele havia se arrependido e pedido o perdão de Deus e de sua esposa. Enquanto estava no Brasil conversou com o seu pastor e lhe contou todo o acontecido. Naquele momento ele se lembrava das palavras do pastor Samuel:

- Robert, Noé errou. Abraão, Isaque, Jacó e Moisés erraram... o único que não errou em instante algum foi Jesus Cristo. Ele, o Senhor, não errou para que nós, pecadores, errôneos, falhos, possamos obter o perdão de nossos erros, pecados e delitos, e para que tudo isso seja lançado no mar do esquecimento! A Santa Escritura nos diz, na epístola aos Hebreus, capítulo quatro, verso dezesseis: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna”. Deus é rico em perdoar, meu filho. Agora, o que Satanás quer é exatamente o contrário: que o ser humano não sinta o perdão do Criador! Satanás fica acusando, constantemente, lançando setas, armando laços para nos pegar. O salmista Davi disse isso: “Abriram-me covas”, para que ele pudesse cair. Robert ouça-me: Deus já te perdoou mas, você se perdoou do que fez? Você terá que aceitar as terríveis consequências deste erro, porém a tua comunhão com o Senhor não pode ser rompida.

Novamente as lágrimas vieram aos olhos de Robert, que se debruçou sobre a mesa, e começou a falar

- Senhor... É difícil eu me perdoar pela morte da minha filha. Lembra Pai? Quando Seu filho Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados? Foi muito doloroso para o Senhor? Pois minha filha Sara morreu por causa da minha brecha, do meu erro. Ela não pode salvar ninguém, como Jesus pôde. Mas eu também não pude salvá-la. Desabafou ele ao Senhor e esparramou os braços sobre a mesa, chorando copiosamente.

Nesse instante, uma fina chuva começou a cair sobre a cidade de Mendoza e uma gota tocou o braço de Robert. Ele olhou para o céu e, pela fé, pôde ver Deus no seu trono de glória, chorando com ele.

"Eu sou um Deus presente, Robert. Não entristeçais ao Meu Espírito, pois Eu te assisto filho, em suas fraquezas, e participo das suas emoções. Interesse-me pelo seu dia a dia, pelos seus planos. Eu Sou quem faz os seus sonhos tornarem-se realidade. Sou um Deus pessoal, um Pai para a humanidade. Confie em Mim, Robert... Eu me importo com você". Disse-lhe o Criador em seu coração.

As gotas de chuva, agora intensas, caíam dos céus, fazendo as pessoas nas ruas correrem para procurar abrigo. Isso não incomodava o detetive, pois sabia que eram as lágrimas do Senhor, compartilhando a sua dor e aliviando o seu fardo, e o seu abrigo seria nos braços do Pai. "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma". Robert queria aprender de Deus, e ficou ali, largado sobre aquela mesa, em uma calçada, de uma esquina na grande Mendoza, solitário, debaixo de chuva, envolto numa comunhão espiritual com o Senhor.

CAPÍTULO DOZE

José Candeias

José era um homem jovem, com seus trinta e cinco anos, aproximadamente. Havia trabalhado na intendência de Mendoza por vários anos. Lá, por causa de conflitos políticos, foi colocado na secretaria de saúde do município, onde ficou conhecendo alguns procedimentos estranhos aos padrões normais. Pessoas que entravam em óbito tinham seus órgãos retirados no necrotério do hospital municipal, mesmo sem a permissão dos familiares.

Candeias, que era auxiliar do secretário de saúde, começou a desconfiar de venda ilegal de órgãos para o mercado negro e passou a investigar o caso. Com o passar do tempo, percebeu que era muito maior do que imaginava. Descobriu que existia uma seita de magia negra na cidade que, para adorar a demônios e fazer seus rituais macabros, precisava de órgãos humanos, como corações, cérebros e vísceras. Também com a venda de órgãos para transplantes clandestinos, angariavam fundos para pagar seguranças fortemente armados, que faziam a segurança dos locais de cultos demoníacos.

Robert precisava encontrar-se com José, por isso foi ao hotel e trocou a roupa encharcada pelo banho de chuva que havia tomado, retornando logo em seguida para a mesma

lanchonete, na esperança de encontrar-se com ele.

Ao chegar lá, o viu sentado no balcão, bebendo um café. “Glórias ao Teu Nome, Pai”, pensou ele, antes de abordar o argentino.

- Boa tarde. Senhor José Candeias? Perguntou-lhe.

- Sim, pois não?

- Me chamo Antonio, sou jornalista brasileiro e me interessei pela sua matéria. Poderíamos conversar sobre o assunto? Disse Robert, trocando seu nome, por uma questão de segurança.

- Claro! Qual é o jornal? Indagou José.

- Jornal do Brasil. Inventou na hora um nome, convidando-o para sentar-se em uma mesa.

A conversa começou meio tímida, mas foi se desenvolvendo à medida em que ambos adquiriam confiança mútua. José falou sobre sua vida e família. Sobre sua fé cristã e sobre tudo o que tinha descoberto na prefeitura de Mendoza. Foram horas a fio conversando. Robert anotava tudo em sua caderneta e gravava a conversa em seu smartphone.

Todas aquelas informações eram esclarecedoras para o detetive. Havia descoberto ali que a ANBCD - Associação Nacional de Busca a Crianças Desaparecidas estava envolvida no caso, acobertando os desaparecimentos. Também que a polícia tinha sua parcela de culpa. Confirmou suas suspeitas sobre o Dr.

Vidal, a respeito dos partos clandestinos e muitas outras coisas.

- O que você sabe sobre as Filhas da Luz? Perguntou o brasileiro.

José empalideceu. Tomou em um gole só o restante do café que estava em sua xícara e respondeu com outra pergunta, em tom de mistério, olhando para os lados, temeroso:

- O que você sabe sobre elas?

Robert sorriu. Já estava na hora de abrir o jogo, pensou ele.

- José, ouça-me. Não me chamo Antonio. Meu nome é Robert, sou detetive particular e estou investigando as Filhas da Luz. Em que você pode me ajudar em relação a isso? Perguntou o detetive.

Candeias estava absorto, compenetrado. Parecia que o assunto realmente mexera com ele. Robert colocou a mão no seu ombro e o balançou.

- José, José... Está bem?

- Sim, sim, estou. Você quer saber mais coisas sobre elas? Vou te levar até a minha igreja. Acho que o pastor Jefferson poderá te ajudar.

Robert concordou chamando o garçom para poder pagar a conta.

A igreja do pastor Jefferson era linda. Uma construção

americana da Igreja Deus em Cristo. Jefferson veio dos Estados Unidos na década de setenta, quando a Argentina estava sendo evangelizada por missionários americanos. Com contribuições e ofertas em dólares, puderam investir na obra missionária e erguer aquele belíssimo templo. O pastor era um americano de nascença mas argentino por adoção. Falava um espanhol americanizado, apesar dos mais de trinta anos morando em Mendoza.

Ele havia travado algumas batalhas com as Filhas da Luz, e tinha uma mulher na sua igreja que tinha pertencido à Irmandade. Robert ficou fora de si com a notícia. Poderia ser a peça que faltava para ele montar este grande e problemático quebra cabeças. Quanto mais ia se envolvendo neste caso, mas sentia que o seu sangue fervia a cada revelação. Seu instinto de detetive o fazia vibrar com as informações obtidas, fazendo-o esquecer dos perigos que o sondavam.

- Pastor, preciso falar com esta irmã. Seria vital para as minhas investigações! Implorou ele.

- Não sei... Não quero expô-la. Vou ligar e falar com ela, e aí veremos o que iremos fazer, ok? Robert concordou.

O pastor Jefferson ligou para a irmã e falou com ela, perguntando se ela poderia ajudar a uma investigação sobre as Filhas da Luz, dando algumas informações a um detetive brasileiro que estava ali. Prontamente a irmã atendeu e disse que iria até a igreja. Robert sorriu e esperou. Passados alguns minutos, chegou um carro importado e parou na porta da igreja. Dele desceu uma mulher grávida, finamente vestida e com um chapéu, no melhor estilo europeu chique. O pastor Jefferson

chamou Robert para apresentá-la dizendo:

- Robert, quero que conheça nossa irmã Louise.

O detetive quase desmaiou ao ver a bruxa na sua frente.

- Olá Robert. Disse ela, sorrindo para o brasileiro.

- É um prazer conhecê-lo.

Robert ficou sem reação, e todos puderam perceber isso. José pegou um copo com água para ele e o fizeram sentar.

- Tudo bem, meu irmão? Está sentindo alguma coisa?
Indagava nervosamente o pastor.

- Estou bem. Finalmente respondeu o detetive.

- Tive uma queda de pressão. Vocês me desculpem, mas terei que ir embora, outra hora eu conversarei com vocês. E saiu rapidamente.

Enquanto saía, ouviu Louise dizer:

- Irmão Robert, precisa cuidar dessa sua pressão. Pode acabar te matando um dia.

Enquanto caminhava rapidamente pelas ruas, as coisas tentavam se ordenar em sua mente: “o pastor Jefferson pertencia às Filhas da Luz ou ele estava sendo enganado por elas? Estava sendo enganado, é óbvio, porque caso contrário, José já teria sido morto. Mas... qual seria a intenção da

Irmandade em manter Louise dentro daquela igreja? Existiam muitas outras igrejas evangélicas na cidade... CLARO!! As palavras de Dona Castorina, na Igreja aquela tarde... 'Esses filhos de Belial têm incomodado muito esta cidade. Tem destruído igrejas e famílias...' Provavelmente eles têm muitas outras pessoas infiltradas nas igrejas. Mas naquela pequenina em que eu encontrei a Dona Castorina eles não têm ninguém, por quê? Porque é uma igreja pobre, pequena, sem muita expressão social. Então neste caso, eles precisam controlar as igrejas que têm expressão social... mas pra quê?", Remoía Robert. "Para que elas não criem manifestações? Não, pouco provável... Para que elas não orem contra a Irmandade? Pode ser, mas... Deve ter outra coisa por trás disso...", pensava Robert.

De repente, lhe veio à mente uma brilhante ideia: iria procurar o conselho de pastores evangélicos e pedir uma lista das igrejas filiadas e de seus pastores. Assim Robert poderia dar uma analisada no que tinha por trás dessa história toda.

Outro problema: Louise o vira. Embora o detetive imaginasse que as Filhas da Luz já soubessem que ele estava na cidade, agora isto era explícito. Tentar abordá-la no hospital já não era mais uma ideia apropriada, porque com certeza eles o esperariam por lá. O negócio agora era descobrir o dia exato do ritual em que elas pretendiam matar a recém-nascida e o local, para tentar recuperar a criança lá. Este seria o plano oficial!

Robert pegou o endereço em uma lista telefônica e em questão de minutos chegou à sede da Ordem de Pastores

Evangélicos de Mendoza — OPEM. Ao falar com a secretária, solicitou uma lista das igrejas filiadas e seus pastores.

A lista era grande, mas a disposição em encontrar algo era maior. Robert foi até o hotel e passou a ler todos os nomes. Queria achar uma conexão entre as igrejas. Não descobriu nada, pensou que era apenas algo da sua cabeça, quando uma ideia lhe veio ao pensamento: uma conexão! Os satanistas infiltrados nas igrejas não eram para abafar o assunto ou para tentar evitar alguma manifestação. Eles estavam lá para colherem informações sobre as famílias. Aquelas que estavam debaixo da unção e poder de Deus, eles não poderiam tocar, pois os anjos de Deus os protegeriam. Porém aquelas famílias, ou aqueles crentes que viviam uma vida dupla, com uma falsa santidade dentro da igreja e fora um mundanismo desregrado, estes os satanistas teriam total liberdade para atacá-los, sequestrarem seus filhos, fazerem suas atrocidades. Robert pensava a uma velocidade impressionante, pois muitas eram as informações contidas neste caso. As Filhas da Luz são em geral mulheres ricas, bonitas... sedutoras! Ficam nas igrejas seduzindo os crentes casados, os jovens... Mas, e as crentes? As irmãs? Qual a estratégia usada pelos satanistas para pegá-las? “Seis coisas o SENHOR se aborrece, e a sétima a sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos”, lembrou-se do texto de provérbios.

- A sétima a sua alma abomina. Repetiu.
- O que semeia contenda entre os irmãos. Esta é a sétima coisa. Concluiu o detetive.

Então uma das estratégias satânica era infiltrar pessoas dentro das igrejas para criar contendas, para espalhar fofocas, para criar acusações contra o pastor. E os crentes, irmãos e irmãs, fracos na fé, que não possuem base bíblica nem vida de oração cairiam nessa armadilha.

- Tem nexó isso tudo... o que existe de crente fuxiqueiro por aí, falando mal dos pastores! Só pode ser mesmo uma coisa do diabo! Sentenciou o brasileiro.

Com os crentes da igreja “selecionados” pelos satanistas da Irmandade, ficava mais fácil saber a quem atacar: aos fracos, que não lêem a Bíblia, que não oram, que não choram nos cultos, que não participam de nada da igreja, que ficam fofocando e criando contenda. Esses eram os frutos satânicos deles e seriam presas fáceis. A maioria desses crentes têm filhos desviados, conjugues desviados, porque são oprimidos pelo maligno e, não conseguem dar bom testemunho nem para os de casa.

- Que estratégia! Suspirou Robert.

- O diabo não quer tirar membros das igrejas... ele quer colocar os seus vasos lá dentro, para poder estragar os outros! É claro. Se ele tira um crente abençoado da igreja, Deus levanta mais dez no lugar daquele, mas se ele coloca um endemoninhado lá dentro, e a igreja não tem discernimento para reconhecê-lo e libertá-lo dos demônios, este crente começa a influenciar outros e aí descamba com tudo! Raciocinava ele.

- É por isso que todas as igrejas devem ter um ministério de libertação muito bem consolidado, para saber reconhecer os ataques do maligno. Concluiu o seu raciocínio.

No dia seguinte, logo pela manhã bem cedo, Robert começou a reler todos os arquivos que tinha relativo às filhas da luz, para ver se descobria alguma coisa. Ele precisava achar a data do ritual que eles pretendiam matar a criança que Louise estava esperando.

Existiam várias informações sobre isso, mas nenhuma delas era concreta. Não havia um “manual de rituais da Irmandade”. Desconexos, mas reais, os rituais que as Filhas da Luz faziam eram quase que espontâneos, direcionados pelo Sacerdote Superior, denominado “Portador de Luz”. Era ele quem decidia o andamento das coisas. Existem oito festas mágicas no ano, nas quais se fazem sacrifícios humanos. Nas demais, apenas sacrifícios de animais são exigidos. Muitas das reuniões da Irmandade eram direcionadas basicamente para assuntos administrativos, visto o caráter altamente financeiro da seita. Em outras reuniões, de seus covens — ou grupos — eram para apresentação de novos membros, preces para curas, encantamentos etc.

Por mais que procurasse encontrar, Robert jamais acharia o dia exato do ritual em que a Irmandade pretendia matar sua filha com Louise. Mesmo porque, eles precisavam esperar o bebê nascer. O melhor a se fazer agora era encontrar o local exato, pois assim ele poderia tentar resgatar a criança por lá.

Alguns problemas ainda o atormentavam: a forte segurança armada no local, feita por viciados, que eram

mantidos pela Irmandade para esse fim. O número de pessoas nesses rituais, que poderia passar de cinquenta, contra ele somente.

Provavelmente o ritual seria na mesma fazenda em que Robert havia presenciado o anterior. Lá, os seguranças ficavam apenas na entrada da fazenda e na frente da casa. Isso já facilitaria um pouco. Também eles faziam uma espécie de preparação para o ritual, dentro da casa. Certamente a criança estará lá com eles, em algum cômodo, do imenso casarão.

- Claro!! Provavelmente Louise e o bebê ficarão em um quarto, esperando a hora do ritual, que normalmente é tarde da noite. Alegrou-se Robert.

Essa seria a sua chance. Precisava então descobrir um meio de entrar na casa, quando Louise estivesse a sós com o bebê e pegá-lo. A rota de fuga ele sabia muito bem, visto já ter ensaiado várias vezes, quando havia fotografado o ritual anterior.

O plano seria o seguinte: Ele vigiaria o hospital até descobrir a hora em que Louise ganharia o bebê. Então pegaria um carro alugado e partiria por uma estrada secundária até a fazenda, escondendo o carro no mato. Após chegar a pé no casarão, ficaria escondido até esperar Louise chegar com os outros. Aí então viria o mais difícil: esperar a hora certa de invadir o casarão. Ao conseguir entrar e tomar a criança, precisaria amarrar Louise, amordaçá-la e correr com a criança pelo mato até chegar ao carro. Aí de automóvel viajaria até a fronteira com o Chile, onde abandonaria o veículo e atravessaria a fronteira de ônibus. Robert havia conseguido um documento

falso brasileiro para a criança, para poder viajar. No Chile, em Santiago, pegaria um avião até São Paulo, para chegar até a casa de sua cunhada. Registraria a criança no Brasil, com documentação verdadeira, e tudo estaria resolvido.

No hotel, o detetive pegou o telefone e resolveu ligar para Suzan, no Brasil, deixando-a informada sobre seus planos.

- Amor, sou eu.

- Robert, como você está? Porque não ligou antes? O que está acontecendo... - Afoitamente ela despejou um turbilhão de perguntas.

- Calma, amor. Está tudo bem. Provavelmente hoje ou amanhã Louise vai ganhar a criança. Vou pegá-la e fugir para o Chile. De lá vou para o Brasil. Quero que você arrume as malas agora e parta para a casa de sua irmã em São Paulo. Eu vou para lá, ok. Não é seguro para você ficar aí na casa dos seus pais. Advertiu o detetive.

- Mas Robert, e os meus pais? Perguntou ela.

- Eles ficarão bem. Moram cheios de vizinhos, e ninguém daqui sabe que eles existem. O importante é você arrumar algumas coisas e pegar o primeiro avião para São Paulo. Leve umas roupas para mim e compre lá umas roupas para o bebê. Qualquer mudança de planos eu te ligo. Despediu-se.

Na delegacia de polícia, o Tenente Días desligou a escuta

feita através de um grampo telefônico. Com seus dois convidados ilustres, uma senhora grávida de nove meses e seu médico obstetra. E inicia um diálogo que pode ser crucial para a vida de Robert:

- Excelente idéia, Días, de grampear o telefone do hotel. Disse Louise.

- Obrigado, irmã. Bem, vimos que o brasileiro quer sequestrar a nossa preciosidade. Ele deve ser maluco, porque é impossível alguém entrar lá e conseguir tal coisa.

- Não subestime o Robert, Días. Ele é diferente. Quando olhei nos seus olhos, dentro da igreja do Jefferson, eu vi algo diferente. Não sei o que era, mas eu tive medo. Claro que não demonstrei isso. Mas acho melhor tomarmos cuidado com ele. Alertou ela.

- Concordo com Louise, tenente! Devemos falar com a nossa 'escolta armada' para preveni-los. O que acham de mandarmos matadores no hotel e exterminá-lo antes do parto? Como acham que vou conseguir fazer o parto de Louise com uma ameaça iminente a minha vida? Temia Dr. Vidal.

- Claro que não, Vidal! Se matarmos ele lá, traremos logo a atenção da mídia sobre a polícia. E além do mais, ele deve ter contado com alguém para obter suas informações. Não é seguro eliminá-lo assim. Temos que esperar ele chegar até a fazenda, pois quando chegar lá ele já terá encerrado a sua conta no hotel. Se alguém for procurá-lo, vão dizer a versão dele, que foi embora para o Brasil. Compreendeu? Explicou Días.

- Verdade! Esta é a melhor idéia, Días! Festejou Louise.

- Ele vai nos ajudar a sumir com ele mesmo! Ninguém desconfiará de nada, porque ele mesmo não quer que ninguém desconfie... está limpando as pistas.

- Ok, se vocês acham isso, eu concordo. Embora precise de segurança durante o seu parto amanhã, Louise. Sua barriga está baixa e a criança nascerá seguramente amanhã. Analisava normalmente a sua paciente.

- Hoje à noite já lhe internarei para colocá-la no soro. Disse o obstetra, encerrando o diálogo.

CAPÍTULO TREZE

Revelação

Finalmente tinha chegado o dia. Louise iria ganhar o bebê naquela manhã. Robert tinha certeza disso, porque tinha visto a barriga dela na igreja, estava bastante baixa, pronta para dar à luz. Também percebeu que o Dr. Vidal havia entrado com Louise no hospital na noite anterior, provavelmente para interná-la. Algo estava para acontecer.

Seus planos pareciam insanos, mas ele os levaria até o fim. Durante o dia, o detetive foi até a fazenda e, pela parte dos fundos do casarão analisou cada metro do local. Ele percebeu que havia algumas pessoas trabalhando lá, o que o levou a crer que estavam preparando o local para o ritual que aconteceria com a criança logo mais à noite. Encontrou também um local seguro para esconder o carro, que estaria com toda a sua bagagem e algumas coisas para o bebê, principalmente fraldas e leite. Devido a sua experiência como pai, sabia o que era necessário.

De volta ao hotel, Robert se ajoelhou e orou. Orou muito, pois precisava de um momento a sós com o Senhor. Passou horas em oração, contando ao Espírito Santo cada passo do seu plano. Como dois íntimos amigos, Robert e Deus passaram o final daquele dia conversando.

Ele abriu a Bíblia no seguinte texto: “Voarás como um sonho e não serás achado, serás afugentado como uma visão da noite”. “Voarás como um sonho... e não serás achado!”, repetiu Robert.

- Uma boa palavra! Conclui satisfeito, levantando-se para ir jantar, pois já estava anoitecendo e logo teria que sair para resolver toda a sua vida.

O jantar foi nervoso. A fome não vinha, mas mesmo assim ele insistiu em comer. Precisava se alimentar. Robert nunca havia estado tão nervoso como naquela noite. Olhou para o relógio e conferiu as horas. Já estava no horário de ir até à fazenda. Sua bagagem estava devidamente arrumada e acondicionada no porta-malas do carro alugado. Pagou o jantar e se levantou rapidamente para ir. Na saída do restaurante, um homem o parou e lhe disse:

- Lembre-se da visão espiritual. O que os seus olhos veem não são o que o Senhor quer revelar. Feche os seus olhos e lembre-se da revelação. Disse o estranho, saindo rapidamente e desaparecendo por entre as sombras de um beco escuro ao lado do restaurante.

Robert inutilmente tentou encontrá-lo mas o estranho já havia sumido.

- Recado seu? Perguntou ele, olhando para o céu, sem obter uma resposta.

- Lembre-se da revelação... Repetia o detetive.

- Sinto muito, Senhor, mas não consigo lembrar de nada agora. Disse ele novamente a Deus indo em direção ao hotel, para

encerrar sua hospedagem e partir para a ação.

A estrada estava escura. Noite era de lua cheia, mas as sombras das árvores escureciam o caminho. Robert tomou o cuidado de ir com os faróis desligados, para não ser percebido à distância. No lugar previamente preparado, escondeu o carro e foi até seu local de campana. Como normalmente o ritual seria iniciado tarde da noite, ele pensava em resgatar a criança logo que chegassem à casa.

Do seu posto de observação, o detetive percebeu que o carro do Doutor Vidal não estava lá. Provavelmente eles estivessem no hospital ainda, no necrotério, onde os partos clandestinos aconteciam, ou a caminho da fazenda, para que Louise amamentasse a criança.

“Coitado do Juan, meu amigo. Deve estar pensando que o filho é seu. Provavelmente o Doutor Vidal vai arrumar uma criança morta para dizer a ele que seu filho não resistiu ao parto e morreu. Se ele soubesse... Quando eu conseguir resgatar a criança, ligarei para ele e contarei tudo. Ele precisa saber”, pensava o brasileiro, em meio à vegetação que o escondia.

Com o binóculo, Robert vigiava a casa, até que dois carros apareceram na estrada. A ansiedade aumentou. Do primeiro carro saiu Louise com uma criança envolta em uma manta, junto

com o doutor Vidal e outra mulher. Do carro de trás, saíram quatro homens aparentemente armados, que imediatamente foram para o portão e para a casa, dividindo-se, na segurança do local.

Robert focou o binóculo em uma janela do casarão, na qual se acenderam as luzes e pôde ver Louise se sentando com o bebê no colo. Era uma linda criança. O coração do detetive tremeu, ao lembrar de Sara, sua filha. Sua vontade era de entrar no casarão e tomar a criança dos braços de Louise, mas não tinha como. A casa estava fortemente guardada, e não existia um meio de entrar. Teria que esperar, até que uma falha na segurança acontecesse, e então a invadiria e resgataria a criança.

Passaram-se as horas e Robert não conseguia entrar no casarão. Começou a crer que teria que apelar para o plano B, embora houvesse se esquecido de formular um plano B. Neste instante, começaram a chegar mais carros na fazenda.

- É hora do show. Resmungou consigo mesmo, num tom americanizado de filme policial.

Algumas pessoas saíram do casarão para preparar o local do ritual, que estava até então muito escuro.

Lá estava o cenário montado: O altar de pedra, a grande fogueira, agora acesa e uma cruz de madeira, ao lado da fogueira. Diferentemente da última vez em que esteve ali, neste ritual saíram apenas as Filhas da Luz, que formaram um círculo ao redor da fogueira. Todas, com seus mantos negros, cantavam uníssonas uma canção em uma língua incompreensível. Robert

começou a contá-las para ver se faltava alguma e realmente, estavam apenas vinte delas; uma estava faltando. Em um momento, entrou a vigésima primeira Filha da Luz, trazendo a criança nua nos braços e depositando-a sobre o altar de pedra.

O choro da criança ecoava naquele vale e possuía o mesmo efeito que uma navalha no coração de Robert. De repente, Robert se lembrou do estranho na saída do restaurante: “Lembre-se da visão espiritual...”, e o detetive começou a recordar-se de que, quando Juan estava no seu apartamento no Brasil, no dia em que se conheceram, ele reclinou a cabeça na parede da cozinha e teve uma visão espiritual: ele havia visto aquela cena, o altar de pedra com a criança, as Filhas da Luz, a fogueira, a cruz. Mas na cruz havia um homem nu crucificado que ele não conseguiu ver o rosto, na visão.

- Meu Deus! Deixou escapar a expressão, e imediatamente tapou a própria boca com as mãos.

Tudo parou lá embaixo. As Filhas da Luz não poderiam ter ouvido a voz de Robert, devido a distância em que se encontrava e muito menos localizá-lo no meio da vegetação fechada à noite. No entanto, aconteceu... Todas pararam o seu cântico e olharam exatamente na direção onde o detetive estava. Ele congelou. O silêncio era total, a ponto de ouvir-se os corações batendo. Os segundos que seguiram foi uma verdadeira eternidade para o brasileiro. De repente, como um gesto perfeitamente ensaiado, elas apontaram o dedo para a direção do esconderijo de Robert. Ele se desesperou.

- Estou frito! Elas me descobriram! Cochichou baixinho, levantando-se lentamente para sair dali e fugir.

O plano havia dado errado. Quando pensou em virar e ir para a estrada, Robert foi violentamente golpeado na cabeça, pelas costas. Eles o haviam capturado.

Meio tonto, ele foi carregado até o pátio a fazenda. Lá, rasgaram-lhe as roupas e amarraram-no na cruz, ao lado da fogueira. Seu corpo nu, preso naquela cruz, completava a cena vista na visão em sua casa. Ele ainda lembrava-se da visão que tivera no Brasil, e esperava que o Portador de Luz entrasse para matar o bebê. As bruxas abriram o círculo que haviam formado em torno da fogueira e o Sacerdote Superior apareceu.

O detetive agora podia ver com clareza as pessoas que estavam ali encapuzadas e com seus mantos negros. O Portador de Luz, com seu manto branco resplandecente, com um sol bordado em ouro ao redor do pescoço estava agora em frente a ele.

- Sabe Robert, é inacreditável que você tenha vindo até aqui. Sou uma voz conhecida.

- Você foi muito prepotente, por isso o pegamos! Sabíamos que viria para cá. Espero que tenha gostado da Argentina, amigo, pois ficará por aqui para sempre. Falou o Sacerdote, tirando o capuz e olhando firmemente para os olhos de Robert.

- Juan! Você é o Portador de Luz? Exclamou estarecido o detetive, enquanto seu cérebro percorria todas as páginas do caso, em busca das evidências que ele possivelmente teria deixado escapar. Lembrou-se da visão que tivera em seu escritório:

- Claro! A visão no meu apartamento! Você foi ao banheiro. E lá invocou demônios para que me produzissem o sono e infiltrassem aquela visão na minha mente, me fazendo acreditar que era algo de Deus para eu aceitar o caso! Deduziu.

- Elementar, meu caro Robert. Rebateu com a mesma resposta ao estilo Sherlock Holmes.

- O primeiro detetive você o matou e montou esse quebra-cabeças. Eu percebi que ele não havia sido crucificado primeiro. O mapa que achamos no apartamento dele, na verdade foi você que colocou ali, para que eu encontrasse a fazenda. Tem também o filme fotográfico que eu peguei no escritório dele tinha fotos suas com Louise. Ele estava na verdade investigando vocês, por isso o mataram. Na sua casa, quando eu voltei da investigação do ritual, Louise forjou haver ligado para você, para que eu pensasse que apenas ela era satanista. Na verdade você não estava no escritório, estava em casa junto com ela. Disse ordenando seus pensamentos.

- Mais uma vez, exato! Me impressiona como você pôde se deixar levar, mesmo sendo tão bom detetive. Você foi escolhido a dedo, Robert. Precisávamos matar um cristão, e nada melhor do que eliminar um cristão que vivia nos dando problemas. Sabíamos de todas as suas fraquezas, de todas as suas falhas. O atacamos na sua ingenuidade de coração. Você deve ter se esquecido da Bíblia, amigo: seja simples como a pomba, mas astuto como a serpente! Ironizou sarcasticamente Juan Pablo, mostrando realmente quem era, dando uma gargalhada horrível e possessa, enquanto ia lentamente em direção ao altar, com seu áthame em punho, pronto para sacrificar a criança.

Robert tentava inutilmente soltar-se da cruz em que estava preso. Não adiantava gritar, a única coisa que lhe restava era tentar sair. As cordas estavam muito bem presas aos seus braços e pernas e ele não conseguia se desvencilhar.

Juan faz um sinal com a mão para que as Filhas da Luz se calassem. Cerimonialmente ele começou a recitar palavras desconexas em uma outra língua. As árvores começaram a balançar fortemente com o violento vento que se formava ali. As chamas da fogueira tornaram-se azuis. Demônios começaram a voar pelos ares, visivelmente passando por sobre as pessoas que ali estavam, e no momento encontravam-se histéricas devido à manifestação maligna que acontecia.

Com seu braço levantado ao ar e o áthame na mão, Juan declarou as últimas palavras da sua prece. Robert conseguiu então soltar um dos braços e tentava a todo custo soltar os pés para socorrer o bebê que estava prestes a morrer.

Não deu tempo. Com um golpe frio e destro, Juan matou a criança, rasgando-a ao meio.

- Aaahhhh!! - O grito de Robert ecoou pelo apartamento, concorrendo com o estridente barulho do interfone.

Seu coração estava saltando pela boca. Ele sentou-se na cama e olhou para o relógio, que acabar de muda o marcador para 23:59h.

- Tudo foi um sonho? Resmungou ele, sem acreditar.

Olhou para a esposa, que estava envolvida em um sono tão profundo, a ponto de não acordar com a segunda vez que o interfone tocou, desta vez mais longa e insistentemente.

Ele custava a acreditar no que estava acontecendo. Tudo fora tão real! Robert levantou-se e foi até o quarto de sua filha. Sara está lá, dormindo tranquilamente.

- Graças a Deus! Tudo foi um sonho... Suspirou ele, lembrando-se das palavras ainda vivas na sua mente, que tinha lido na Bíblia Sagrada, no hotel, em seu sonho:

- Voarás como um sonho e não serás achado, serás afugentado como uma visão da noite. Repetiu ele, indo até a porta e atendendo ao interfone:

- Pois não? Perguntou à pessoa que estava chamando.

- É aqui que mora o Sr. Robert, detetive particular? Indagou uma voz ofegante e levemente estrangeira.

- Quem quer saber? Perguntou desconfiado o detetive.

- Eu me chamo Juan e preciso muito da sua ajuda. Viajei até aqui para vê-lo.

Robert lembrou-se do texto bíblico de Jó capítulo vinte e do sonho que tivera. O mais real em toda a sua vida: “uma revelação!”, pensou ele e respondeu:

- Sinto muito amigo, mas não conheço ninguém com esse nome. Disse ele, desligando o interfone e voltando para seu

quarto, e pegando novamente no sono, ao lado da esposa.

F I M

CAPÍTULO QUATORZE

Revelações - Considerações do autor

Este livro não é apenas um bom romance, é também uma lição de vida. Gostaria de compartilhar com você algumas lições que aprendemos nesta história, na esperança de que você possa aproveitá-la ao máximo.

Robert simboliza o servo de Deus que não se submete de forma obediente ao Senhor. Ele carecia da amizade de pessoas comprometidas com as Escrituras, as quais, foram inspiradas por Deus, para serem honradas e seguidas, e não discutidas e teorizadas.

Deus tem falado ao seu povo, pela Palavra, durante os cultos, através dos hinos de adoração e até mesmo através de uma criança. Devemos permanecer atentos aos sinais de Deus na nossa vida cotidiana. Vejo muitos precisando compulsivamente de oração. O que é isso? Transformaram a oração em um produto no qual se viciaram. Oração é amizade, é comunhão. A palavra comunhão significa “compartilhar de partes iguais”. Se você corre para todo o canto a procura de quem possa orar por problemas que persistem em continuar atormentando sua vida, isto pode significar que você não ora, ou que ora sem comunhão com o Senhor, ou acha que Deus responde mais aos outros do que a você.

Precisamos criar intimidade com o Senhor, para que Ele

fale diretamente conosco. É bom que as pessoas orem por nós. Isso é saudável desde que também tenhamos comunhão com o Altíssimo e O ouçamos falar conosco. As pessoas oram para nos cobrir espiritualmente, não porque não tenhamos contato com Deus.

Outra lição importante neste livro é sobre o peso que o pecado traz a nossas vidas. Os cristãos modernos estão acostumados ao pecado e não sentem o seu peso. Vejo jovens tentando encobrir sua “ vaidade ” através de rigorosas exigências no modo como se vestem, mas acabam deixando algum tipo de abertura ... O que adianta fazer algo por fora, se o coração continua o mesmo?

O pecado se torna leve quando deixamos de ser sensíveis a Deus, e nos tornamos pecadores compulsivos. Se o pecado fosse ruim, ninguém pecaria. Satanás não cria pecado ruim, ele é especialista em criar coisas que seduzem e nos fazem pensar que este comportamento não é tão ruim assim.

Certa vez, uma mulher disse a uma irmã de minha igreja: “Eu não sinto pecado em tudo, como vocês”. “É óbvio que não sente, porque está atolada nele até o pescoço. Se você colocar um balde com água nas suas costas e caminhar, vai sentir o peso dele, não vai? Mas se você entrar em uma piscina cheia d'água, com este balde nas costas, continuará sentindo o peso dele? Claro que não, porque você está dentro da água e ela suspenderá o balde. Quem está em Cristo está fora da piscina. Qualquer pecado em suas vidas, faz com que sinta imediatamente o seu peso e ore pedindo perdão a Deus e recuse seguir à tentação. Se você é a pessoa dentro da piscina e não sente o peso do pecado,

porque está envolta nele, cercada por ele. Renda sua vida ao senhorio de Jesus Cristo de Nazaré, ele lhe tirará desta “piscina”, desta vida, e você conseguirá ver as coisas como eu vejo hoje, e sentirá o peso do pecado em sua vida. Peso este que Jesus carregou por nós, na Cruz do Calvário”.

Que resposta fantástica! O pecado se infiltra sutilmente, caso não sejamos suficientemente sensíveis. Um casal de namorados desatento, pode cair em um redemoinho do qual não conseguirá escapar. Certas intimidades desencadeiam uma intensa atividade hormonal, e quando o corpo incendeia, é difícil apagar. A incitação lasciva é muito difícil de ser controlada. Se sabemos que este procedimento é pecaminoso, precisamos evitá-lo. Alguns, desconhecendo as consequências e não sentindo o peso do pecado, caem em grotescas armadilhas sexuais. Dependendo do material com o que você é construído, talvez só precise de uma pequena fagulha para começar um grande incêndio. As consequências são muito conhecidas: gravidez indesejada, aborto, doenças venéreas, mães solteiras, casamentos destruídos pela falta de amor, falta de planejamento etc. Se ao iniciarem estas carícias, tivessem uma consciência sensível ao pecado, muitas coisas poderiam ser evitadas.

Centenas de igrejas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo perecem por falta de visão espiritual. Não enxergam as artimanhas do inimigo. Tenho ministrado em muitas igrejas em todo o território nacional e em outros países e vejo pastores pedindo: “Pastor Carlo, por favor, me ensine a reconhecer os ataques satânicos em nossa igreja”. Há uma falta de conhecimento nesta área e uma carência na busca do aprendizado sobre isso. Igrejas são atacadas por satanistas que

infiltram seus “arqueiros” no meio do rebanho e começam a disseminar contendas.

Hoje é muito mais conveniente e produtivo para o satanismo infiltrar alguém em uma igreja do que tentar tirar pessoas dela. As igrejas estão frias, religiosas, amortecidas pelo pecado e gananciosas. Pensa-se apenas em multiplicação. Se você tem uma igreja pequena é rotulado como falido. Vale mais a quantidade do que a qualidade. Batizam-se pessoas ainda prisioneiras de maus costumes e do pecado. João Batista ensinou que o batismo nas águas é para aqueles que não produzem frutos dignos de arrependimento.

Há grande falta de santidade nas igrejas, onde o erro é facilmente tolerado. A formação pastoral está em crise. A exigência diminuiu consideravelmente. Antes havia um crivo teológico, estágio, conhecimento do ministério e avaliação do caráter. Era necessário a indicações de vários pastores. A coisa toda está mais fácil hoje, e presenciamos uma certa banalização ministerial. Talvez seja este o motivo do relaxamento comportamental que invadiu nossos templos. Antigamente era necessário estudar mais de cinco anos (no mínimo) para se formar pastor, depois de passar por testes vocacionais. Hoje, aceita-se Jesus e, em seis meses, já é um líder na igreja, com autoridades espirituais. Criou-se a “fast-church”, igreja rápida, onde tudo é “fast”. As pregações duram vinte minutos, porque “o cérebro humano não guarda mais que isso na memória”. MENTIRA!! Então por que é que Hollywood não produz filmes de apenas vinte minutos? São apenas as pregações do Evangelho de Cristo que o cérebro não guarda?

Se uma pessoa aceita o senhorio de Jesus Cristo durante um culto, a igreja diz um “amém”, quase apagado. Mas se um

aleijado sai andando, as pessoas são arrebatadas. Inverteram-se os valores bíblicos! Uma alma vale mais que o mundo! Será????

Se o pregador diz: “O Senhor está presente neste lugar!” Ouve-se um lúgubre “aleluia”, mas se ele gritar: “Há um anjo ali naquele canto!”, o povo se agita. Jesus é menos importante que os anjos. Inverteram tudo! Eu fui a uma igreja no Rio de Janeiro que ensinava que cada igreja tinha um anjo guardião. Eles conheciam o nome deste anjo e conversavam com ele sempre que o invocam. O anjo, segundo eles, expulsava os demônios e curava as pessoas... Nesta história toda fica difícil entender qual será a nossa participação na construção do Reino de Deus na Terra (Leia Mateus 10:1)

As igrejas estão carentes de novidades, e esquecem que a Palavra de Deus se renova todos os dias e que o Senhor é o mesmo ontem, hoje e eternamente! Mas proliferam os modismos transbordantes de emoções.

Eu estava pregando em um congresso no Mato Grosso do Sul e ao final da mensagem fiz um apelo para orar pelas pessoas. Um dos cantores do evento quis cantar uns “hinos de fogo”, pra — pasmem! — “animar”. Eu repliquei dizendo que o Espírito Santo não necessita de combustível humano. Ele é Deus e tem todo o poder. Não sou contra hino de fogo; não consigo usar a emoção para esquentar um avivamento. Muitos pastores utilizam efeitos emocionais para que as pessoas creiam ter recebido o Batismo no Espírito Santo. (repita “glória, glória, glória, glória...” Ou “glória, aleluia, glória, aleluia...”), O Espírito Santo é tratado como um carro velho que precisa pegar “no tranco”. Não vejo base bíblica para tais ações nem fundamento teológico ou cristão para isso.

No dia de pentecostes, os cento e vinte discípulos que se reuniram em Jerusalém estavam orando, clamando, chorando e tendo comunhão com o Senhor, e todos sentados! É isto que faz o avivamento acontecer! Amizade, companheirismo, cumplicidade e sinceridade com o Espírito do Senhor.

A história de Robert nos leva a refletir sobre oque falta nos nossos dias: pessoas que estejam comprometidas com o Deus da provisão, não apenas em busca da provisão de Deus.

CAPÍTULO QUINZE

Sensibilidade espiritual

O livro Revelação quer ensiná-lo a ser sensível à voz de Deus. O Senhor está desejoso da nossa comunhão, da nossa amizade, do nosso convívio com Ele. Nós o tratamos como uma segunda opção. Recorremos a Deus depois de nos convenceremos da falência das outras opções. Se estamos bem, permanecemos espiritualmente dormentes, mas quando quebramos ou falimos, recorremos ao Senhor, para que nos ajude a crescer de novo. Estamos lotando as igrejas com crentes, mas Deus nos ensinou a ir e fazer DISCÍPULOS de Cristo. As igrejas estão cheias, mas o céu está cada vez mais vazio. Devemos nos preocupar com a sensibilidade no ouvir ao Espírito Santo. Ele nos fala de diversas maneiras.

Lembro-me que no início do meu ministério, estava em Buenos Aires, Capital da Argentina, fazendo meu estágio de pós-graduação na área de missões. Procedo de uma igreja tradicional, que não crê em manifestação do Espírito Santo como variedade de línguas e profecia. Uma noite, ainda na Argentina, após um culto no qual aconteceu um mover tremendo da parte do Senhor, Deus falou comigo através de uma missionária americana. Ela não sabia falar português e nem eu o inglês. Ela pegou nas minhas mãos e relatou todas as coisas que me aconteceriam daquele momento em diante, revelou-me como Deus queria que eu me portasse. Era difícil receber aquele peso, porque muitas lutas viriam, mas perseverei. Tive que mudar de

igreja, porque onde eu estava morreria na fé. Busquei finalmente o Batismo com o Espírito Santo, decidindo que não sairia de Jerusalém até que do alto fosse revestido de poder. Disse ao Senhor:

- Pai, preciso ser batizado com o Espírito Santo, pois tenho um grande ministério pela frente e sem a presença integral do meu Amigo e Consolador, não conseguirei.

Iniciei um jejum parcial, sem data para terminar. Fiz um voto com o Senhor de que, enquanto não fosse revestido de poder, não pararia o jejum, e após trinta e oito dias deste jejum parcial, no qual eu fazia apenas uma refeição leve a noite, como uma sopa ou tomava um copo de leite batido com frutas, o Espírito Santo desceu sobre a minha vida.

Foi maravilhoso: eu estava orando, muito fraco e com uma dor de cabeça muito forte. Era de tarde, quando senti nitidamente a presença de uma pessoa no quarto do apartamento, onde morava. Sem abrir os olhos, senti que ele sentou-se na cama, ao meu lado. Pude sentir o vento soprar suave, com um perfume delicado. Com Sua mão, tocou na minha face e a dor desapareceu imediatamente. Pude sentir as chagas nas suas mãos e Ele me disse:

- Hoje venho sobre ti, com o Espírito Santo, mas virei outra vez e te encherei do meu Fogo.

Comecei a sentir algo tremendo vindo sobre mim, como um choque elétrico. Comecei a glorificar a Deus em uma língua que não compreendia, porém a recebia em minha mente. Rapidamente fui tomado pela visitação do Senhor e Sua

presença em minha vida foi marcante. Senti-me revigorado, novo, completo. Parecia que tinha me alimentado de um banquete revitalizador. Recebi de Deus uma visão espiritual restaurada. Passei a ver o mundo espiritual novamente, só que agora do modo como deveria ser, guiado pelo Espírito Santo.

Quando saio à rua, vejo demônios ao lado de certas pessoas e anjos do Senhor ajudando outras. Isso tem me permitido agir na Obra de maneira eficaz. Quando oro pelas pessoas nas minhas ministrações, já sei exatamente o que repreender ou curar em cada uma delas, porque o Senhor me revela através da visão espiritual. Por esta razão tenho obtido tamanho êxito em meu ministério, com tantas curas e libertações. Deus é realmente maravilhoso! Mas antes eu precisei buscar o batismo com o Fogo do Senhor.

Passados alguns anos, lembrei-me da promessa do Senhor, que voltaria para me batizar com o Fogo e comecei então uma busca insistente por este poder. Eu sonhava à noite que estava diante de pessoas enfermas, nas quais eu tocava e elas eram curadas. Sabia que Deus me daria este dom, mas precisava ser cheio do Seu Poder, através do Batismo com o Fogo. Comecei a orar durante as madrugadas, para que o Senhor Jesus voltasse a minha casa e me visitasse, trazendo Seu Fogo Sobrenatural. Muitas madrugadas se passaram. Quando eu pensava em desistir, algo me dizia: “Pode ser hoje à noite!” Então eu continuava, com a certeza que seria logo. Num certo dia, estava em casa, lendo a Bíblia, quando peguei no sono e sonhei que uma pessoa entrava em minha casa. Era um homem que me saudou com “Shalon Adonai”. Ele impôs as suas mãos sobre mim e centenas de bolas de fogo, semelhantes a bolas de tênis incandescentes começaram a voar ao meu redor. Eu sentia uma

presença poderosa do Senhor, quando aquele varão me disse:

- Levanta as tuas mãos. Eu o obeci imediatamente.

- Abra o teu coração ao Senhor e receba o Fogo Espiritual prometido. Imporás as mãos sobre os enfermos e eles serão curados, expulsarás os demônios e ministrarás este poder aos homens! E desapareceu.

Acordei suado e com os pelos do meu braço chamuscados, como se tivessem sido queimados. Foi tremendo! Depois daquele dia, passei a ter um ministério de poder, beneficiando centenas de igrejas. Muitas são as curas operadas pelo Espírito Santo de Deus! Quantas libertações, restaurações! Eu estava no Rio de Janeiro, pregando em uma igreja, quando vi sentada tranquilamente na primeira fila uma menina de aproximadamente dez anos, linda e saudável. O Espírito Santo me fez ver ao redor dela uma nuvem de vespas, como um enxame. Perguntei ao Senhor:

- O que é isso, meu Pai?

- Este é o vírus da AIDS. Foi a Sua resposta.

Chamei uma das pastoras e contei a minha visão, e ela confirmou que realmente a menina tinha o vírus. Orei ordenando que aquela “nuvem de vespas” saísse imediatamente, no Nome de Jesus. Umás duas semanas depois recebi um e-mail da filha do pastor dizendo que, entre outras curas, a menina havia feito um exame de HIV e deu negativo, para honra e glória do Senhor Jesus Cristo!

Outro caso que mostra a misericórdia de Deus na minha

vida ocorreu há alguns anos, quando eu trabalhava como designer de uma empresa e estava em uma igreja auxiliando o pastor presidente. Meu filho Matheus havia nascido no mês de setembro, e por uma questão natural eu estava orando muito nas madrugadas. Foi em uma dessas madrugadas que o Senhor falou comigo, dizendo que eu deveria pedir demissão daquele serviço porque Ele queria me usar em tempo integral na Sua Obra. Confesso que relutei muito, pois ganhava um excelente salário, morava em um dos melhores apartamentos da cidade e meu filho tinha apenas um mês de vida. Como eu o sustentaria? Orei vários dias sobre isso e o Senhor sempre confirmava suas ordens. Certo dia, antes de eu viajar para ministrar em um congresso de libertação no Estado de São Paulo, visitei um pastor amigo meu e ele me disse:

- Carlo, o Senhor manda te dizer que é pra você cuidar da Obra dele, em tempo integral, que do seu filho o Senhor cuidará.

Esta era a confirmação! No outro dia fui até a empresa e pedi demissão. A igreja que eu trabalhava como pastor auxiliar não me pagava salário. Era um trabalho voluntário e o meu dízimo e ofertas eram altos. Quando contei ao pastor presidente que ouvira o Senhor e fizera feito tal coisa, ele me considerou louco e passou a me criticar por tal ato, dizendo que eu queria ser “mais espiritual do que os outros”. A partir disso, o Espírito Santo me orientou a prestar atenção em algumas coisas que o pastor pregava, pois eram heresias. Quando constatei as heresias pregadas naquela igreja, orei durante uma semana antes de falar com ele, porém ao falar, recebi grotescas acusações, dizendo que ninguém sabia mais sobre a Bíblia do que ele.

De volta para casa, orei novamente pedindo um direcionamento e Deus me deu a seguinte palavra, em Isaías 48:20: “Saí da Babilônia, fugi de entre os caldeus e anunciai isto com voz de júbilo; proclamai-o e levai-o até ao fim da terra; dizei: O SENHOR remiu a seu servo Jacó”. Pedi ao Senhor o que queria dizer esta palavra, e o Senhor me disse claramente:

- Filho, leia Apocalipse 18:2. Isto é o que você está enfrentando.

Imediatamente li o texto: “Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável”. Era exatamente o que estava acontecendo. Aquela igreja havia se tornado em Babilônia, morada de demônios. Corajosamente e em obediência à Voz do Senhor, pedi o meu desligamento.

Agora estava sem igreja, sem trabalho e sem amigos, pois o pastor havia proibido os membros da igreja de nos visitar. Começamos a padecer necessidades, a ponto de não termos o que comer. Era difícil aceitar que Deus faria aquilo com um servo fiel a Ele, mas eu tinha certeza que Ele havia falado comigo e que aquilo tudo, as provações logo passariam. Certo dia, orei pedindo a Deus que enviasse um pão e uma caixa de leite, para que minha esposa (que estava amamentando nosso filho) pudesse se alimentar, mas pedi:

- Senhor, preciso que me mande uma caixa de leite e um pão de milho, porque quando chegar aqui em casa, saberei que foi do Senhor.

Demorou uns vinte minutos e uma irmã da igreja que pastoreávamos bateu a nossa porta, dizendo:

- Pastor, eu senti no coração de trazer para vocês um pão e uma caixa de leite. Eu agradeci e disse:

- Espera irmã, que vou ver se é de Deus esse negócio – E abri a sacola. Lá estava o pão de milho. Glórias a Deus!

Ela contou que sempre fazia dois grandes pães caseiros com aquela quantidade de farinha e leite, mas que naquele dia, suspirou a Deus dizendo:

- Senhor, eu quero fazer um pão para o Pastor Carlo. Se esta massa der para fazer três pães, o terceiro será o dele.

Ela fez como sempre os dois pães, mas espantosamente o terceiro foi o maior! Deus é o Senhor da provisão!

Aquilo amplificou as nossas perspectivas de vencer aquela situação e tonificou a nossa fé. Fui orar e Deus me disse:

- Faça uma lista com tudo o que vocês estão precisando em casa.

Imediatamente sentei com minha esposa Francine e começamos a escrever a lista, repleta de coisas que precisávamos. Desde alimentos básicos até coisas que gostávamos. Terminada a lista, coloquei-a debaixo do meu joelho e comecei a interceder. Iniciamos a oração à noite e passamos até a manhã do outro dia clamando ao Senhor.

Perto da hora do almoço, uma irmã de outra igreja bateu

em nossa porta, dizendo que Deus havia tocado em seu coração para comprar algumas coisas para nós. Ela estava trazendo a resposta das nossas orações. Tudo o que havíamos pedido a Deus, naquela lista, o Senhor havia enviado. Louvado seja o Seu Santo Nome!

Depois de algum tempo, muitas pessoas vinham a nossa casa para que orássemos com elas a fim de receberem o Batismo com o Espírito Santo e com o Fogo e, muitas delas queriam aprender a Palavra de Deus. Fazíamos vigílias de oração que se transformaram em reuniões de milagres e curas. Depois de alguns meses o Senhor ordenou que procurássemos uma sala para abrir uma igreja.

Neste meio tempo o Senhor começou a nos prosperar novamente, devido a nossa fidelidade. Meu primeiro livro, BRUXARIA - O DESVENDAR DE SEGREDOS OCULTOS HÁ MILÊNIO havia sido lançado nacionalmente e eu já estava viajando muito, ministrando seminários e palestras em todos os estados brasileiros.

Certa noite, o Senhor me deu a seguinte visão: eu estava dentro de um viveiro de pássaros, rodeado de casinhas de madeira para os passarinhos; de repente a mão de um homem veio e tirou uma das casinhas e no local colocou outra exatamente igual, porém de plástico. Passado um período os pássaros não voltavam porque era diferente. Depois de um pequeno intervalo de tempo, um pássaro pousou em cima da casinha nova, mas voou. Num outro instante outro pássaro veio e pousou no puleirinho que havia na entrada da portinha, olhou para dentro, mas voou também. Então, após isto, um pássaro veio e entrou dentro da casinha de plástico e viu que era

diferente, nova e moderna; saiu e contou para todos os outros, que passaram a vir aos bandos e lotavam aquela casa. Então aquela mão de homem teve que tirar, uma a uma, as demais casinhas ultrapassadas e velhas e colocar as novas casas de plástico. Deus me disse:

- Esta é a igreja que quero que você abra. Uma igreja liberta de todas as formas de abominações que existem. Sem religiosidade, sem exageros, mas em santidade e reverência ao Meu Nome, e te farei próspero nesta terra. Esta igreja terá a Minha Unção e o Meu Poder.

Quando acordei disse a minha mulher que o Senhor nos comissionava para abrir uma igreja que se chamaria Unção e Poder. Parecia uma loucura parar, justo naquele momento em que Deus estava nos abençoando para abrir uma igreja. Eu não tinha certeza se o meu chamado era para pastorear, pois requeria muita responsabilidade e dedicação ao rebanho e eu estava gostando de ser conferencista. Parar tudo naquele momento para mim significava barrar um sonho antigo que eu tinha de viajar o mundo pregando a Palavra de Deus, mas para iniciar uma promessa antiga de Deus na minha vida: ser um pastor!

Saímos então em busca de uma sala para alugar. Encontramos três, mas o Senhor nos mostrou qual delas era a certa. Deus mandou cadeiras, equipamentos de som de primeira qualidade, microfones sem fio, retroprojetor e tudo o mais. Só não mandou o povo. Iniciamos a igreja com quatro pessoas: dois irmãos, minha esposa e eu. Fizemos cultos por três meses assim, em quatro pessoas (a primeira parte da visão, aonde nenhum pássaro entrava). Até que um dia veio uma pessoa, e depois dela

outra e outra e várias. Hoje temos uma igreja grande e completamente lotada! Deus havia soprado as codornizes, como fez no deserto, no êxodo do Egito. Não precisamos ir atrás das ovelhas, elas foram trazidas à Casa do Senhor, sopradas pelo vento do Espírito Santo.

Quando olhamos para trás, para o dia em que estávamos em casa, sem igreja, sem amigos, sem dinheiro, sem comida, com um filhinho de apenas dois meses de vida no colo, pensamos que humanamente jamais chegaríamos onde estamos. Mas cremos no Senhor; ouvimos a Sua doce e suave voz, e seguimos ao Seu comando.

Este livro fala sobre sensibilidade espiritual. Se Robert tivesse sensibilidade, a ponto de não permitir que a emoção o impedisse de resolver um grande caso, apagando a voz do Espírito, ele teria conseguido. Quantas vezes ficamos cegos! Desejamos tanto uma coisa (ou alguém), que não damos ouvidos ao Senhor. Que tolice! Pessoas pedem aconselhamento sobre um determinado assunto, mas na verdade querem ouvir APENAS o que lhes agrada... A voz do Senhor não lhes fará bem, não lhes indicará o caminho que querem seguir, então desprezam o aconselhamento e seguem seus próprios caminhos. Pois não queriam aconselhamento, na verdade, queriam apenas que alguém apoiasse suas idéias insensatas.

Gostaria que você lesse novamente este livro, mas agora com uma visão clínica de sua vida, colocando-se no lugar de Robert. Será que não tem cometido os mesmos enganos? Não tem dado brechas aos demônios, para que criem pontos de apoio em sua vida, com o objetivo de destruí-la? Será que não tem deixado a sua família de lado, priorizando o trabalho, fazendo

com que o inimigo cause morte, separação e brigas? Será que a sua vontade de crescer, de enriquecer, de vencer não tapou seus ouvidos para a voz do Senhor? Será que você tem planejado tudo sem pedir a orientação do Espírito Santo e feito da sua maneira, deixando Deus de fora das suas decisões? São perguntas como estas que podem mudar o seu relacionamento com o Criador, podem torná-lo mais sensível aos ensinamentos do Espírito Santo e podem trazer a sua felicidade, sua família e sua salvação de volta! Que Deus te abençoe poderosamente, no Nome de Seu Filho Jesus Cristo!

CAPÍTULO DEZESSEIS

Dona Castorina - Anjo em forma de mulher

“Levantei os olhos e vi, e eis que saíram duas mulheres; havia vento em suas asas, que eram como de cegonha; e levantaram o efa entre a terra e o céu” - Zacarias 5:9

Resolvi escolher uma figura feminina para representar o anjo que ajudou Robert em Mendoza, pura e simplesmente por sensibilidade. Lembrei-me da explicação de Jesus aos saduceus sobre o casamento, quando inquirido acerca de uma mulher que havia ficado viúva. A resposta do Senhor, sobre com quem ela permaneceria casada no céu foi a seguinte:

- Pois, quando ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém, serão como os anjos nos céus <Grifos do autor> (Marcos 12:25).

É óbvio que os anjos não possuem sexo, por não precisarem se reproduzir (Deus já os fez em número exato); também por não necessitarem de relações sexuais, lícitas apenas entre os casados e como o texto acima nos mostra que anjos não casam, logo não mantém nenhum tipo de relacionamento afetivo ou íntimo, porém quando se apresentam na forma física, nada impede de que se manifestem como mulheres.

Claro que a grande maioria das aparições de anjos, quase na sua totalidade, são de expressão masculina, como varões, moços etc. Porém este texto de Zacarias 5:9 me deixou intrigado! Nós sabemos que a palavra anjo no hebraico (mal'ak) significa mensageiro ou representante, entre Deus e o homem. O homem não precisa utilizar os anjos para se comunicar com Deus, nas mais variadas formas de comunicação, porém o Senhor sempre (em toda a Bíblia Sagrada) utiliza anjos para comunicar a sua divina vontade ao homem.

Os anjos no texto de Zacarias, com aparências femininas, levantavam o efa (receptáculo de chumbo onde cabiam nove galões britânicos de 40 litros). Era um peso tremendo! Duas mulheres jamais levantariam isso, mas dois anjos sim, visto a enorme força com que Deus os criou (Isaías 37:36).

Eu queria colocar o auxílio de um anjo às investigações de Robert, porque durante muitas situações eu mesmo fui ajudado por tais. Era necessário que isso aparecesse no livro. Pensei em colocar um “varão vestido de branco”, mas... não é como eles se manifestam hoje! Várias foram as experiências que tivemos, minha família e eu, com estes seres angelicais que o Senhor nos tem cercado e entendo que nós, os remidos pelo Sangue do Cordeiro, devemos aprender a entender o ministério dos anjos, junto aos salvos.

Normalmente não se menciona um anjo aparecendo como mulher, porque a mente humana logo conceberia uma imagem sedutora. A maldade e impureza humana impedem que vejamos a glória de Deus. Criei a “Dona Castorina” como uma senhora velha e amável, simbolizando um anjo com personificação feminina de forma que jamais poderia ser entendido como algo

sensual. Entendo que sem santidade não poderemos nos chegar a Deus e muito menos provar das coisas espirituais.

Estarei lançando em breve um livro exclusivamente sobre o ministério com os anjos, pautado biblicamente. Neste material estarei relatando dezenas de experiências que temos com eles e como podemos, à Luz da Bíblia, trabalhar com as milícias angelicais.

QUEM É O AUTOR

Carlo Ribas

Carlo Ribas, nascido no Paraná, casado com Francine Ribas e pai de Thalles e Matheus, é teólogo e pastor presidente da Igreja Unção e Poder.

Autor de outras obras, dentre elas o livro BRUXARIA - DESVENDAR DE SEGREDOS OCULTOS e o livro IRAI-VOS E NÃO PEQUEIS, além de várias apostilas de batalha espiritual e participações em livros de outros autores.

Conferencista internacional renomado, ministra congressos e seminários de batalha espiritual estratégica, conferências proféticas e reuniões para pastores em todo o Brasil e exterior.

Para contatos e agendas:
www.carloribas.com.br

Redes Sociais:
www.facebook.com/carloribas
www.twitter.com/carloribas
www.instagram.com/carloribas

O Pastor Carlo Ribas, juntamente com sua esposa, são diretores do CETIBE - Centro de Treinamento Internacional para Batalha Espiritual, uma escola de libertadores que tem treinado milhares de pessoas! Saiba como estudar no CETIBE, acessando:
www.carloribas.com.br/cetibe

